



## *Respeitável Família Brasileira*

*A luta de pais, mães e filhos para a realização do sonho de cursar a universidade pública, nas trajetórias de estudantes das residências universitárias da UFC*

**“A gente é unido até na hora de lutar contra a dengue. Na sua casa é assim?”**

**DENGUE  
NA MINHA CASA  
NÃO**



**A dengue é uma doença transmitida pelo mosquito *Aedes aegypti*. Ele tem as pernas listradas e se reproduz em água parada dentro das nossas casas. É importante prevenir a dengue. Basta seguir estes cuidados:**



## OS SINTOMAS DA DENGUE:

Os sintomas mais comuns da dengue são febre, dor de cabeça, dor nos olhos, dor no corpo. Mas é preciso estar atento, ela pode evoluir para formas mais graves: a dengue hemorrágica. Os sinais de alerta são: vômitos freqüentes, dor de barriga intensa e contínua, tonturas e desmaios, suor frio, moleza intensa e pequenos sangramentos (gengiva, nariz e boca). Em crianças, observar sonolência ou agitação com muito choro. Na suspeita de dengue, procure imediatamente um serviço de saúde e tome bastante líquido. E não esqueça: a Prefeitura de Fortaleza está trabalhando na prevenção da dengue junto com toda a população. Prefeitura de Fortaleza contra a dengue. Você construindo a Fortaleza bela.

- Não deixe água parada em bacias, baldes e outros depósitos domésticos.
- Escove as paredes das tinas, dos tanques e potes e, depois, cubra-os bem.
- Cubra os pneus ou mantenha-os em local seco.
- Coloque as garrafas de cabeça para baixo.
- Mantenha as calhas desentupidas e o saco de lixo fechado.
- Encha os pratinhos das plantas com areia até a superfície.
- Não deixe a água da chuva empossada na laje.
- Mantenha a caixa d'água completamente vedada e os ralos telados.
- Trate a piscina com cloro.



Prefeitura de  
**Fortaleza**



“Sou um servidor desta casa, um militante das lides acadêmicas, um professor, um pesquisador. Amo a sala de aula, assim como o laboratório... No confronto com as dificuldades inerentes ao ensino público em nosso País, desenvolvi uma poderosa carga de otimismo fundamentado na certeza de que o trabalho, a criatividade, a dedicação valem bem mais que a lamúria, a fuga, o desencorajamento.”

*Ícaro Moreira*

Ao professor Ícaro de Sousa Moreira, pelos ensinamentos de luta, tenacidade e amor à universidade pública.

**Reitor em Exercício**  
Prof. Jesualdo Farias

**Para falar com a UFC**  
**Reitoria**

Av. da Universidade, 2853  
60020-181 - Fortaleza - CE  
Fone: (85) 3366.7306 - Fax: (85) 3366.7308  
**Internet:** www.ufc.br  
**E-mail:** reitor@ufc.br

**Coord. de Comunicação Social**  
**e Marketing Institucional**

Paulo Mamede  
Fone: (85) 3366.7319

**Assessor de Comunicação Institucional**

Italo Gurgel  
Fone/Fax: (85) 3366.7330  
E-mail: [ufcinforma@ufc.br](mailto:ufcinforma@ufc.br)

**Revista Universidade Pública**

Av. da Universidade, 2910  
Benfica - Fortaleza - Ceará  
CEP: 60020-181  
Fone/Fax: (85) 3366.7319  
[revistaufc@gmail.com](mailto:revistaufc@gmail.com)

**Editora**

Ana Rita Fonteles  
CE01169JP

**Reportagens**

Ana Rita Fonteles  
CE01169JP  
Naara Vale  
CE01831JP

Raimundo Madeira  
CE01221JP  
Felipe Araújo  
CE01179JP

**Fotos**

Júnioranela  
CE00100RF

**Estagiário de Fotografia**

Davi Pinheiro

**Tiragem**

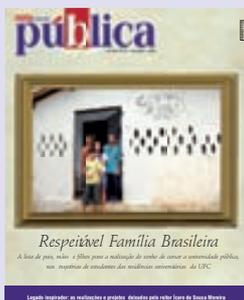
6.000 exemplares

**Periodicidade**

Bimestral

**CTP e impressão**

Expressão Gráfica



**Nossa Capa**

Arte sobre foto de  
Júnioranela

## De celebração e reverência

Um trabalho daqueles especiais. Por vários motivos. Essa foi a sensação da nossa equipe desde o início da montagem da pauta, passando pela apuração das reportagens até chegarmos à edição e diagramação deste número que você agora tem em mão. Há oito anos, animados pela necessidade de ver a comunidade universitária da UFC se comunicando melhor interna e externamente e com o desejo de fazer isso através da produção de um jornalismo ético e de qualidade, dávamos início às atividades da revista *Universidade Pública* (UP). De lá para cá, pudemos mostrar ao público universitário e formador de opinião de nosso Estado, a quem a publicação se dirige prioritariamente, exemplos de dedicação, dignidade, amor e respeito pelo ensino público, pela produção científica, pela ação extensionista, pela Universidade como espaço de geração de conhecimento e desenvolvimento humano. Para comemorar, tínhamos de fazer algo que, de forma contundente, mostrasse o

espírito que vem nos movendo como publicação durante esses anos.

Eis que em meio a nossas atividades, recebemos consternados a notícia do falecimento repentino de nosso querido Reitor Ícaro de Sousa Moreira. Uma perda dolorosa e irreparável justamente porque para nós e para a comunidade acadêmica, em geral, ele encarnava todos os sentimentos de nobreza, espírito público e amor à Instituição em sua passagem rápida, mas definitivamente marcante à frente da Administração Superior da Universidade Federal do Ceará. Assim, essa edição que já vinha sendo produzido de forma especial porque de aniversário, ganha ares de reve-

rente homenagem àquele que foi um de nossos maiores incentivadores.

Impossível não enxergar a imagem de Ícaro refletida nos sonhos de estudantes pobres e suas famílias que encontram hoje, na UFC, o motivo para acreditar que o futuro vai ser diferente. Estimulados pela carta de uma servidora da Instituição, visitamos 12 famílias de estudantes moradores das residências universitárias, em dez cidades cearenses, e conhecemos histórias de superação e heroísmo que não cansam de comover e mostrar a importân-

cia do ensino público e da assistência estudantil como forma de mudar realidades de pouca perspectiva.

Impossível ainda não lembrar de Ícaro ao discutir política e cultura em 1968, nas páginas de reportagem e entrevista especial com o pesquisador da Unicamp, Marcelo Ridenti. O tema anima o Festival de Cultura “Ecos de 68”, que se realiza no final de maio na UFC, e marca a retomada da realização de ativi-

dades no corredor cultural do Benfica, um dos sonhos do reitor que estava empenhado pessoalmente em sua execução.

Impossível, ainda, não lembrar Ícaro através de suas inúmeras ações que ficaram como nortes de trabalho para tantas pessoas, reavivando o espírito de reencantamento com a Universidade. Seu legado é também avaliado em matéria especial. E para nós, seu trabalho e amor pela UFC servirão sempre de inspiração na elaboração de cada pauta.

Celebremos então a vida, a memória e a dignidade. Boa leitura.

Ana Rita Fonteles (Editora UP)

**Impossível não enxergar  
a imagem de Ícaro  
refletida nos sonhos de  
estudantes pobres e suas  
famílias que encontram  
hoje, na UFC, o motivo  
para acreditar que o  
futuro vai ser diferente**

## 07 Entrevista

O professor e pesquisador da Unicamp, Marcelo Ridenti, analisa os significados de 1968 para a cultura e a política, em conexão com o presente

## 14 A lição do mandacaru

Estudantes, moradores de residências universitárias da UFC, e suas famílias revelam histórias de luta e perseverança, do litoral ao sertão, na busca pela formação universitária



## 26 O legado de Ícaro

Equipe do Reitor Ícaro Moreira, falecido em abril último, analisa obras e projetos mais importantes de sua administração. O Reitor em Exercício, Jesualdo Farias, fala, em entrevista, sobre a continuidade da gestão



## 32 1968 quarenta anos depois

Por que o ano de 1968, tema do Festival de Cultura da UFC, marcou tanto a história? Pesquisadores de diversas áreas tentam responder a essa questão com olhos sobre a política, o comportamento e a cultura



## 40 Coisas difíceis de dizer

O bárbaro assassinato do professor e pesquisador Luís Palhano, mestre e doutor em Educação pela UFC, e referência nacional na fundamentação teórica para o combate à homofobia nas escolas, acende debate sobre direitos humanos e respeito às diferenças e chama a comunidade universitária a se engajar na luta por justiça

# 1968: revolução, política e cultura



Em 1968, Marcelo Ridenti tinha apenas dez anos. Fez parte, portanto, do que se poderia chamar de “geração A1-5”, que viveu a adolescência e o início da vida adulta atravessando a fase mais agressiva da ditadura militar. As lembranças e experiências pessoais dos dez anos de vigência do Ato Institucional nº 5 serviram para despertar o interesse pelo desejo de transformação que pautou a ação de intelectuais, artistas e militantes políticos naquele período.

“Há boas razões para não centrar a reflexão exclusivamente no ano de 1968, pois a história não deve ser aprisionada em datas muito rígidas”, afirma. O interesse por essa “época 1968” acabou pavimentando a maior parte da carreira acadêmica de Ridenti, professor titular do Departamento de Sociologia da Unicamp, autor de livros como *O fantasma da revolução brasileira*. Em meio às celebrações do “aniversário” de 40 anos de 1968, ele virá a Fortaleza no fim de maio para participar do Festival de Cultura Ecos de 68, da UFC. “A sucessão de efemérides faz parte do jogo cultural da ordem estabelecida. Não deixa de ser uma oportunidade para debater temas que nem sempre são facilmente digeríveis nesse jogo. Ou seja, a celebração pode ter um lado de questionamento”.

Marcelo revisita 1968, mostrando como a indústria cultural se apoderou dos dois principais pólos culturais da esquerda da época (o nacional-popular e as vanguardas) e discutindo como as bandeiras da juventude de 1968 – bem como o tensionamento ideológico que pautava a relação entre esquerda e direita – foram se atenuando e se adaptando à ordem global “dos vencedores da Guerra Fria”. Ele destaca que há pessoas e movimentos diversificados que, a partir das lutas originadas na “época 68”, apostam que ainda hoje é possível e necessário construir uma nova ordem, baseada na convivência e na realização plena dos seres humanos.

A aposta se expressa nas “lutas pela preservação do meio ambiente, da igualdade entre os sexos, as culturas e as etnias; e nos embates renovados por um socialismo democrático”. “É sempre adequado tentar entender o presente sem os olhos voltados para o passado; não se pode cobrar dos jovens de hoje que sejam iguais aos de 68”. (Por Felipe Araújo)

**Universidade Pública** – *Um rápido resgate histórico: quais as especificidades de 68 no Brasil? O que nos unia e o que nos separava em relação à mobilização e às “revoluções” que ocorriam em outros locais do mundo?*

**Marcelo Ridenti** – As manifestações brasileiras em 1968 estavam em sintonia com o que ocorria no mundo todo no período, na medida em que mobilizaram especialmente os jovens, não só os estudantes, mas também operários, artistas e intelectuais que protestavam contra a ordem estabelecida. 1968 foi, no mundo todo, a expressão do inconformismo com a ordem da guerra fria, crítico do que Guy Debord chamou à época de sociedade do espetáculo, tanto do “espetacular concentrado” do “capitalismo burocrático” dos países herdeiros do stalinismo, como do “espetacular difuso” da abundância do capitalismo contemporâneo, que acabou triunfando e hoje prevalece soberano. O 1968 brasileiro teve a particularidade de inserir-se na luta contra a ditadura militar e civil que interrompera o processo democrático em 1964. Eram três eixos principais de contestação social e política: o movimento estudantil, o movimento

operário e a agitação cultural promovida por intelectuais e artistas, todos compostos especialmente por jovens, muito criativos e radicais, embora não pouca gente mais velha também participasse. O movimento estudantil realizou grandes manifestações de rua por todo o País, cujo ápice foi a passeata dos cem mil no Rio de Janeiro, no mês de junho. O movimento operário desafiou a ditadura com greves importantes, as primeiras desde o golpe: em abril e outubro na cidade de Contagem, na região industrial próxima a Belo Horizonte, e no mês de julho em Osasco, na grande São Paulo. Os intelectuais e os artistas também agitavam muito no teatro, no cinema, nas canções, na literatura, nas artes plásticas, nos livros, jornais e revistas. Mas em dezembro de 1968 a festa acabou: a ditadura endureceu de vez com a edição do Ato Institucional nº 5 (AI-5), castigando seus opositores com censura, prisões, exílio e até assassinato. A alta temperatura política de 1968 pode ser medida pelos atos de violência: de um lado vários atentados eram praticados por uma organização paramilitar de extrema direita, o Comando de Caça aos Comunistas (CCC), composto por estudantes e

policiais, financiados por grandes grupos capitalistas e com apoio velado da ditadura militar. De outro lado, surgiam organizações dispostas a enfrentar a ditadura de armas na mão, realizando algumas ações armadas já em 1968, que foram precursoras da escalada guerrilheira urbana que se expandiu nos anos seguintes no Brasil, após a edição do AI-5.

**UP** – *A geração de 68 foi uma geração que ousou sonhar e enfrentar o conservadorismo político e cultural em diferentes medidas pelo mundo. Que elementos ajudam a entender a formação desse espírito agitador e questionador?*

**MR** – A época de 1968 foi marcada internacionalmente por algumas condições materiais, como o aumento e a diversificação das classes médias, a urbanização crescente, a consolidação de culturas e modos de vida típicos das metrópoles, o maior acesso ao ensino superior, a presença expressiva da juventude na composição etária da população, a dificuldade dos poderes estabelecidos – incluindo o soviético – para representar sociedades que se renovavam, certa democratização do avanço tecnológico que estabelecia o que então se convencionou chamar “sociedade de consumo”. Por si só, essas condições não explicam a disseminação de movimentos rebeldes e revolucionários em todo o planeta, como as manifestações estudantis na França, no Brasil, no México e por todas as partes, os protestos contra a guerra no Vietnã, especialmente nos Estados Unidos, a primavera de Praga, a revolução cultural chinesa, a alternativa dos *hippies* e da contracultura, a emergência das questões ditas das minorias – nos movimentos de mulheres, negros e homossexuais – e ainda a deflagração de ações armadas por grupos espalhados mundo afora, inspirados em revoluções de libertação nacional em andamento ou recentemente vitoriosas, como a revolução cubana de 1959 e a independência da Argélia em 1962. Contudo, aquelas condições materiais criavam um ambiente propício a diversificadas ações culturais e políticas transformadoras.



**Ridenti tem obra dedicada ao estudo do desejo de transformação que moveu a geração 68. Em busca do Povo Brasileiro e O Fantasma da Revolução Brasileira estão entre seus livros**

**UP** – Olhando para o atual quadro político e cultural do País, que continuidades e que rupturas em relação às conquistas de 68 são possíveis identificar?

**MR** – A diferença básica é que naquele tempo reinava uma ditadura, hoje temos uma democracia que – se ainda precisa avançar muito no aspecto social – permite o exercício das liberdades civis. Ademais, pode-se constatar mais flexibilidade no comportamento das pessoas, diminuiu o moralismo, as mulheres não precisam mais se casar virgens, há condições para que os homossexuais se assumam como tal, enfim, parece que há mais tolerância. Mas note-se que o poder econômico continua hoje nas mesmas mãos daqueles que o exerceram no tempo da ditadura.

**UP** – Como o senhor avalia a chegada ao poder por parte daquela geração? Que impacto isso trouxe para a correlação de forças dentro do embate ideológico no País?

**MR** – É sabido que vários opositores da ditadura tiveram sucesso individual nas carreiras profissionais ou políticas, especialmente a partir dos anos de 1980, por exemplo, participando de governos municipais, estaduais e federais de vários partidos, como nas administrações de José Sarney, Fernando Collor, Itamar Franco, Fernando Henrique Cardoso e Lula. Houve a inclusão política das elites de oposição. Os projetos de revolução foram derrotados nos anos de 1960/70, mas parte significativa dos sujeitos individuais que os defenderam teve êxito em sua carreira posterior, dentro da ordem estabelecida, que se fortaleceu na redemocratização. As diferenças entre as posições políticas dos maiores partidos ficaram mais tênues, todos adaptados à ordem global dos vencedores da Guerra Fria.

**UP** – A professora Irene Cardoso, da USP, defende que os eventos comemorativos de 68, a cada vez que se repetem, esvaziam o acontecimento da dramaticidade que o revestiu na sua própria atualidade, “é o que se comemora então são as apropriações ideológicas do acontecimento, os seus aspectos assimiláveis pelo presente”. Nesse sentido, em nossos dias, que aspectos de 68 são assi-

miláveis e quais não são?

**MR** – Numa frase, assimiláveis foram os aspectos que não tocam diretamente na manutenção da ordem econômica, como as mudanças comportamentais e a liberdade de expressão. Creio que a citação da Irene se refere também aos que usam a legitimidade conquistada em 1968 para justificar sua atuação política no presente, fazendo leituras enviesadas do passado.

**“A diferença básica é que naquele tempo reinava uma ditadura, hoje temos uma democracia que - se ainda precisa avançar muito no aspecto social - permite o exercício das liberdades civis. Ademais, pode-se constatar mais flexibilidade no comportamento das pessoas (...)”**

**UP** – Em que medida celebrar o aniversário de 68 sem identificar algumas condições relativas ao próprio ato de “comemorar” a data 40 anos depois pode despolitizar a efeméride?

**MR** – De fato, a sucessão de efemérides faz parte do jogo cultural da ordem estabelecida. Mesmo assim, não deixa de ser uma oportunidade para debater temas que nem sempre são facilmente digeríveis nesse jogo. Ou seja, a celebração pode ter um lado de questionamento.

**UP** – Uma das epígrafes de seu livro Em busca do povo brasileiro é uma frase de Glauber Rocha segundo a qual “temos de encarar o Brasil como um monstro desafiante de potencialidades culturais inéditas

e desconhecidas no mundo moderno”. Passados 40 anos da agitação cultural que teve 68 como epicentro, o que se tornou realidade e o que ainda se mantém como potencialidade no âmbito da cultura brasileira?

**MR** – Hoje, tornou-se realidade no País uma indústria cultural sofisticada que se apoderou a seu modo, para a própria legitimação, de aspectos dos dois principais pólos culturais de esquerda em 1968: o nacional-popular e as vanguardas (especialmente o tropicalismo), uma vez despidos da politização que os originou. Construiu-se assim o nacional-popular de mercado, com a rede Globo, por exemplo, difundindo o discurso de que ela faz a verdadeira cultura brasileira, autêntica, com os métodos técnicos mais avançados, de vanguarda nas telecomunicações. Ou seja, o monstro cultural de que falava Glauber virou um robzinho amestrado na indústria cultural. Só que a realidade vai além da telinha, é difícil enjaular o monstro.

**UP** – Um militante, ligado aos meios artísticos e intelectualizados de esquerda, que dormisse em 68 e acordasse em 2008, teria que surpresas e que decepções em relação ao papel que a arte ocupa hoje como instrumento de transformação da sociedade?

**MR** – Esse foi mais ou menos o tema do filme *O príncipe*, lançado em 2002, escrito e dirigido por Ugo Giorgetti – um cineasta nascido em 1942. O personagem central é Gustavo, um intelectual que deixou São Paulo no início dos anos de 1980 e só volta ao Brasil vinte anos depois, onde reencontra os amigos e a cidade muito modificados, sentindo-se absolutamente deslocado. Na verdade, pelo conteúdo do filme, seria mais plausível se o personagem central pertencesse à geração do diretor, universitária nos anos de 1960, plenamente identificada com a brasilidade revolucionária. Ao voltar, Gustavo mal reconhece seu bairro, agitado, cheio de bares, movimento de pessoas e automóveis, sujeito à criminalidade e à banalidade da violência cotidiana da metrópole. Os antigos amigos de esquerda em geral estão bem situados dentro da ordem, com a qual convivem com graus

variados de (des)conforto. Um deles tornou-se jornalista de prestígio – o “velho” do jornal que emprega um jovem profissional para agradar a cada segmento do mercado. Outro amigo prosperou com *marketing* gerencial e cultural; sabendo do bom domínio de Gustavo sobre a obra de Maquiavel, propõe ao velho companheiro empresariar seu futuro sucesso: palestras e um livro adaptando a obra *O príncipe* para auto-ajuda de interessados em triunfar rapidamente nos negócios. Daí o título do filme, que se refere também à auto-designação de Gustavo como “o príncipe da Náusea”, em referência ao romance de Sartre – que empolgou a geração do diretor do filme. A bela ex-namorada tornou-se executiva bem-sucedida de uma grande empresa que investe em eventos artísticos e culturais, mas se confessa infeliz. Outros personagens aparecem brevemente, como a moça que fotografa mortos na violência da madrugada, um psicanalista que será homenageado no desfile de uma escola de samba e um maestro que vira *popstar* (papel ironicamente interpretado por Júlio Medaglia, que foi arranjador de canções tropicalistas em 1967 e 68). Só dois personagens parecem manter a dignidade. O primeiro é um amigo de Gustavo que ajuda os pobres, trabalhando de

graça no albergue do Bom Retiro; ele leva uma vida modesta e recebe Gustavo para conversar numa pequena fábrica abandonada que herdou do pai. O segundo é o sobrinho do protagonista, um professor de História em colégio particular que está em tratamento mental numa clínica. Ao final do filme, o professor não suportou a doença que chamara de “desabamento central da alma”, e jogou-se do alto do viaduto sobre a avenida Sumaré, enquanto o protagonista sai para o exterior, fugindo novamente do que lhe pareciam ser as ruínas de São Paulo e do Brasil. Como expressa bem a trajetória dos personagens do filme de Giorgetti, há tempos entrou em declínio o padrão de intelectual ou artista de esquerda dos anos de 1960, engajado, em busca da ligação com o “povo” – hoje considerado talvez como epifenômeno do “populismo”, manipulador dos anseios populares, expressão de uma minoria em busca de transformar seu saber em poder ou, na melhor das hipóteses, como protótipo do intelectual quixotesco. Aos poucos, foi-se estabelecendo o modelo do artista e do *scholar* contemporâneos, profissionais amadurecidos, desvinculados de compromissos ideológicos e sociais, livres das utopias voluntaristas dos anos de 1960, que só teriam sido revolucionárias na aparência. Ou de artistas e intelectuais que mantêm uma fachada de engajamento e ligação com o passado para legitimar sua acomodação com a ordem no presente. O filme fala sobre nosso tempo, em que a hegemonia burguesa é tão difusa e consolidada que se torna difícil pensar numa alternativa a ela. Não há dúvida de que hoje predomina o senso comum que supõe a reprodução eterna da sociabilidade capitalista, o que seria chocante para alguém que dormisse em 1968 e acordasse 40 anos depois.

**UP** – *O jornalista Zuenir Ventura está lançando um livro em que amplia a leitura do legado de 68 – que ele havia iniciado com 1968, o ano que não terminou. O novo livro chama-se 1968 – o que fizemos de nós. Em entrevista recente, ele contou de seu encanto em relação a uma festa rave, emblema, segundo ele, da juventude atu-*

*al. Mesmo num evento coletivo, ele aponta, as pessoas “ficam muito ensimesmadas, mais preocupadas com elas do que com os outros. Há um narcisismo”. Olhando em retrospectiva os últimos 40 anos, o que foi determinante para que os projetos coletivos da juventude – em especial os políticos e os culturais – dessem lugar à individualização dos projetos de satisfação/realização pessoal?*

**MR** – Para ser incisivo, mesmo com o risco da simplificação: o narcisismo prevalece porque a contra-revolução triunfou em escala planetária. Na nova ordem mundial dos vencedores da guerra fria, é cada um por si e o mercado por todos.

**UP** – *Nesse novo livro de Zuenir, Caetano Veloso, um dos ícones da juventude de quatro décadas atrás, perguntado sobre a possibilidade de um novo 68, afirma: “Para ser (uma coisa) parecida com aquilo (68), tem de ser muito diferente daquilo”. O Senhor concorda com a afirmação?*

**MR** – Caetano gosta de paradoxos, e aqui ele lança um que é interessante, se ele quis dizer que nenhuma revolta ou revolução repete outra que já ocorreu, todas são originais em grande medida. Isto é, para que aconteça algo que perturbe a ordem constituída como ocorreu em 1968 (e antes em 1848, 1917 etc.), tem de ser algo novo, diferente de 1968 e de tudo que já aconteceu.

**UP** – *No âmbito da universidade, o movimento estudantil hoje desfralda a bandeira pela ética e pela reafirmação do caráter público das instituições de ensino superior. O caso recente envolvendo o reitor da UnB foi emblemático desse novo perfil de movimento estudantil. De que maneira o senhor acredita que o movimento estudantil em nossos dias dialoga com os ideais daquela geração?*

**MR** – De certa forma, o mito de 1968 pesa demais sobre os estudantes de hoje. Só que aquele contexto específico não tem mais como se repetir. A universidade era acessível a pouquíssimos que, em parte por isso, tendiam a ser mais influentes. Também havia no Brasil uma ditadura que tendia a aglutinar seus diversos inimigos no mesmo campo. A sociedade



global mudou muito, e a brasileira junto. Só que os grandes problemas da humanidade continuam sem solução. Não dá para antever como eles serão resolvidos mas, se permanecem, na certa vão ser encontrados novos caminhos para enfrentá-los, já que a nova ordem mundial do consenso de Washington parece ser o melhor caminho apenas para a concentração de riquezas.

**UP** – *Ainda em relação à pergunta anterior: de que maneira a universidade pauta – e ao mesmo tempo serve de caixa de ressonância para – os interesses do conjunto da sociedade. O que mudou, nesse sentido, de 68 pra cá?*

**MR** – No caso brasileiro, naquele tempo o ensino superior era quase todo público e só acessível pela elite da elite, de modo que suas manifestações tendiam a ter mais repercussão. Não que hoje haja pleno acesso ao ensino superior, mas ele está tremendamente ampliado, no setor público e especialmente no privado, temos universidades de massa, por vezes de baixa qualidade, é outro universo. Os meios de comunicação e transporte eram muito mais precários até os anos 60, a indústria cultural pouco desenvolvida, de modo que ações como a UNE-volante, que levava caravanas pelo País afora, para politizar os estudantes com atividades políticas e artísticas, tendiam a ter muito mais impacto e repercussão do que em nosso mundo da TV e da internet generalizadas, que multiplicam informações. Tudo isso significa que houve avanços importantes, mas envolve uma fragmentação que torna mais difícil conseguir articular um movimento centralizado.

**UP** – *Uma das marcas da vida cultural de 68 era um certo dirigismo cultural de entidades como o CPC, para quem a cultura popular era algo induzido para as massas e não articulado espontaneamente para quem e além das questões políticas e ideológicas. Que repercussão esse tipo de postura trouxe para a crítica cultural no País e para o debate sobre a chamada cultura popular?*

**MR** – É preciso pensar o CPC historicamente, atuando num momento em

que a “revolução brasileira” estava na ordem do dia. Lembre-se que o CPC acabou em 1964, pois a ditadura proibiu seu funcionamento. Alguns vêem no CPC mero barateamento da linguagem para veicular mensagens políticas, mas também há interpretações de pesquisadores que chegam a compará-lo ao teatro épico de Brecht e a qualificá-lo como a experiência brasileira mais próxima do *agitprop* europeu dos anos 30, como é o caso da professora da USP Iná Camargo Costa, autora do livro *A hora do teatro épico no Brasil* (Graal/ Paz e Terra, 1996). Conforme nos distanciamos no tempo, vai havendo condições para uma análise mais ponderada dos alcances e limites dessa experiência que marcou a cultura brasileira, até pelo avesso, pois a maioria dos integrantes do CPC viria a fazer sucesso na indústria cultural, especialmente na TV Globo.

**UP** – *Voltando ao Zuenir Ventura, ele afirma, no novo livro, citando o padre João Batista Ferreira, que “há um 68 dentro de 2008”, e nos conclama a ter um olhar mais*

*generoso em relação à juventude de nossos dias. “Precisamos lavar os olhos e tentar entender o que eles são, o que eles querem”, ele afirma. Na sua leitura, em que consiste essa generosidade? Como exercê-la em nossos dias?*

**MR** – Espero que ele não esteja dizendo isso apenas para fazer média e vender o livro... Mas, por certo, é sempre adequado tentar entender o presente sem os olhos voltados para o passado; não se pode cobrar dos jovens de hoje que sejam iguais aos de 68. A seu modo – como se pôde testemunhar por exemplo nos Fóruns Sociais Mundiais de Porto Alegre – há pessoas e movimentos diversificados, compostos sobretudo por jovens, que apostam até hoje que é possível e necessário construir uma nova ordem, em que os valores fundamentais não sejam os do lucro, mas da convivência e realização plena dos seres humanos, em suas relações entre si e com a natureza, que se expressam em lutas pela preservação do meio ambiente, da igualdade entre os sexos, as culturas e as etnias, sem contar os embates renovados por um socialismo democrático.📍

### Para ler 1968

De acordo com Marcelo Ridenti, a produção acadêmica brasileira não costuma se fixar no ano de 1968, mas nos anos de 1960 de uma forma geral ou nos 20 anos de ditadura. “Em 2004, por ocasião dos 40 anos do golpe de 1964, Carlos Fico lançou um livro que enumera e comenta brevemente uma ampla bibliografia, intitulado *Além do golpe – versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar* (Ed. Record). Contudo, sobre o ano específico de 1968, há menos trabalhos acadêmicos”, aponta.

Marcelo cita, no entanto, livros originários de teses acadêmicas, como *Movimento estudantil e ditadura militar (1964-1968)*, de João Roberto Martins, (Papirus, 1987); *1968, o diálogo é a violência – movimento estudantil e ditadura militar no Brasil*, de Maria Ribeiro do Valle (Ed. Unicamp, 1999), e *Uma onda mundial de revoltas – movimentos*

*estudiantis de 1968*, de Luís Antonio Groppo (Ed. UNIMEP, 2005).

Ampliando o foco da reflexão para além do ano de 1968, Ridenti diz que muito se escreveu sobre a época. “A começar pelo artigo clássico de Roberto Schwarz de 1970 que continua sendo referência, até para quem discorda dele, intitulado *Cultura e política (1964-1969)*; que consta em mais de uma coletânea de escritos do autor (por exemplo, *Cultura e política*, Paz e Terra, 2001)”.

Em 2000, Ridenti escreveu o artigo *Intelectuais, artistas e estudantes: Paris, 1968*, em que mostra como na França, ao contrário do Brasil, há uma produção enorme centrada no ano de 1968. O artigo de Ridenti foi publicado num livro organizado por Daniel Aarão Reis Filho e intitulado *Intelectuais, história e política* (Ed. 7 Letras, 2000).

# O que dizem os brinquedos?



Através de uma exposição de bonecas, o grupo de pesquisa Ludice mostrou um pouco da cultura lúdica infantil, tema de pesquisas desenvolvidas pelo grupo desde 2003. A exposição foi fruto do livro *Modos de Brincar, Lembrar e Dizer: discursividade e subjetivação*

“Bonecas: o que isso pode dizer?” Com este questionamento, o grupo de pesquisa Ludicidade, Discursos e Identidades nas Práticas Educativas (Ludice), do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da UFC, conseguiu transformar simples bonecas de pano em objetos de arte e reflexão. Uma exposição organizada pelo grupo, em abril passado, levou ao Museu de Arte da UFC (MAUC) 52

bonecas de pano feitas por artesãos de diversas partes do mundo.

Princesas, mães, camponesas, rendeiras e crianças... Cada uma delas representava um pouco da cultura lúdica infantil e convidava o público a enxergar ali mais do que brinquedos. Um dos objetivos da exposição foi convidar os observadores a se interrogarem acerca daquilo que é oferecido às crianças como expressão das diferentes representações da infância.

Os cinco painéis que abrigavam as bonecas foram montados a partir do acervo particular da Prof<sup>a</sup>. Fátima Vasconcelos, coordenadora do Ludice e uma das organizadoras do evento. A exposição contemplou o trabalho de artistas de Recife (PE), Teresina (PI), Porto Alegre (RS), Paripueira (CE), França, Chile, Peru, Colômbia, Cabo Verde, Itália, Japão e Tailândia. As particularidades de cada peça faziam referência à sua identidade e à etnia a qual a boneca pertencia. As cearenses, por exemplo, tinham como marca principal as vestimentas feitas de renda, já as colombianas apresentavam-se com roupas típicas de mulheres camponesas.

Para Fátima Vasconcelos, a diversidade cultural apresentada às crianças através dos mais diferentes brinquedos é importante para a formação delas, mas é também essencial que sejam preservadas no público infantil as marcas das identidades locais. “É importante que a criança tenha contato com a cultura do mundo, mas que não perca a sua referência local”, lembra.

Além de mexer com a ludicidade infantil, a exposição foi também uma forma de homenagear o trabalho dos artesãos de brinquedos, embora a maioria dos objetos não carregasse a assinatura dos artistas. A homenagem em forma de exposição foi inspirada na pesquisa “Entre mãos e máquinas: a lógica da construção do artefato”, realizada entre 2006 e 2007, na qual os artesãos de brinquedos infantis foram os sujeitos do estudo.

Os resultados do trabalho podem ser encontrados na mais recente publicação do Ludice, o livro *Modos de brincar, lembrar e dizer: discursividade e subjetivação*, organizado pelos professores Fátima

Vasconcelos, Veriana Colaço e Nelson da Costa. Segundo a coordenadora do grupo, ali está reunida cerca de 90% da produção acadêmica do Ludice nos últimos dois anos, considerada a mais madura do grupo.

A obra, lançada no último mês de março, reúne artigos de professores e alunos das universidades do Ceará (UFC) e Vale do Acaraú (UVA), Rio de Janeiro (PUC/RJ), Brasília (UnB), Pernambuco (UFPE), Campina Grande (UFCG), São Paulo (PUC/SP) e Mato Grosso (Rondonópolis).

### Quando a brincadeira é assunto sério

Criado em 2003, o Ludice surgiu da vontade de um grupo de professores de tornar os temas da cultura lúdica, diversidade cultural, identidades étnicas e educação para a mídia em objetos de pesquisa da pós-graduação da UFC. O grupo, que desde o início pretendia ser interinstitucional, hoje é formado por cerca de 16 pesquisadores da UFC, UVA, UFPE, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Universidade Federal do Piauí (UFPI).

O diálogo com os pesquisadores de outras instituições e de áreas alheias à educação foi estreitado logo após a sua formação, através do lançamento do primeiro livro do grupo, *Diversidade*

*cultural e desigualdade: dinâmicas identitárias em jogo*, lançado em 2004. Nele foi reunida uma coletânea de artigos acerca dos temas de estudo do grupo. No mesmo ano, o Ludice conseguiu seu registro no Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq).

Os trabalhos desenvolvidos pelo grupo têm como pilares de estudo a cultura lúdica, a subjetividade e as práticas discursivas. Na sua principal linha de pesquisa, “Práticas lúdicas, discurso e diversidade cultural”, o Ludice trabalha as práticas lúdicas sob três pontos de vista: como mediadoras do desenvolvimento humano (abordagem psicológica); como meio de intervenção pedagógica (abordagem educativa); e como manifestação da cultura (abordagem antropológica).

Através dessas perspectivas e tomando como base os três pilares de estudo, o grupo pesquisa a ludicidade nas suas mais diferentes manifestações, especialmente no que diz respeito à importância da sua utilização no processo educacional infantil. Nesta direção, um dos questionamentos feitos pelo grupo é, por exemplo, como os brinquedos podem ajudar na educação da criança.

Para estes pesquisadores, o lúdico é um objeto que, “a depender do recorte que lhe é dado, permite produtivas interlocuções com diferentes campos do

saber, circunscrevendo com isso uma visão ampliada das formas socioculturais de ser criança e do significado das práticas educativas que lhe são destinadas”.

Outro foco de estudo do Ludice é o tema da diversidade/diferença, pensada como formadora de desigualdade. “A gente trabalha a diversidade com radicalidade”, enfatiza a coordenadora. Isso porque, para os pesquisadores do grupo, a diversidade é uma fonte de riqueza cultural, discussão abordada já na primeira publicação da equipe.

### O lúdico na sala de aula

Além de atuar como grupo de pesquisa, as atividades do Ludice permeiam a extensão e a graduação da Faculdade de Educação, na tentativa de contribuir com a formação de futuros educadores. Uma dessas ações é a promoção de um ciclo de debates sobre imagens da alteridade. Realizados toda primeira terça-feira do mês, no auditório da Biblioteca do Centro de Humanidades, os debates acontecem após a exibição de filmes que tematizam a questão da alteridade (relações que confrontam o eu e o outro).

O objetivo da iniciativa é ampliar as oportunidades de formação intercultural dos alunos, criando neles um posicionamento crítico diante dos mecanismos produtores de desigualdade e levando-os a refletir sobre as relações de alteridade na sociedade moderna.

Outra forma de atuação do grupo na graduação é estimulando os estudantes a serem co-autores de pesquisas desenvolvidas na pós-graduação. Atualmente, alunos da disciplina Práticas Lúdicas e Identidades na Educação da Criança, da Faced, participam de uma pesquisa em andamento no Ludice como autores e também sujeitos dela.

Eles estão estudando a memória lúdica de seus pais, avós e a sua própria, com a finalidade de elaborar um inventário, onde será avaliado como se configura a identidade da criança ao longo das gerações. “O mundo da criança é outra coisa. Nós precisamos nos debruçar sobre isso”, ressalta Fátima Vasconcelos. 



Equipe de pesquisadores do Ludice. No detalhe, livro publicado pelo grupo

# A lição do mandacaru



*"(...) Que orgulho teria Guimarães Rosa, de caderneta em punho, a registrar os ditos de coragem dos pais desse sertão: "Nessa vida, pra dar de comer a meus filhos, só o que não fiz foi roubar e vender o corpo... o resto eu fiz!" O sertão-serra-litoral é isso. As porteiras têm fechos de cordão ou arame que nos convidam a entrar, falando pelo ranger das cancelas que nessa casa mora gente impávida, sobretudo, forte. Esses gigantes revelam a lição do mandacaru cujos espinhos tornam ainda mais bela a rubra flor – seus veios guardam água quando tudo em volta já secou". Este é o último trecho de um comovente texto escrito por Cláudia Mont'Alverne, psicóloga do Programa de Apoio Psicopedagógico da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis da UFC, sobre suas impressões das visitas feitas a famílias de residentes universitários. O texto foi inspiração para esta matéria. Em um cenário pouco provável, onde a realidade é árdua, eles chegaram à universidade. Passaram por desafios, superaram obstáculos, ignoraram desestímulos e continuam percorrendo um caminho rumo ao conhecimento em meio a adversidades e conquistas. A revista Universidade Pública foi a 10 cidades, conversou com 12 famílias de alunos para contar suas histórias. O que se buscou não foi fazer o recorrente elogio da pobreza, embora entre os personagens haja muito de heroísmo. O que se pretende nestas dez páginas é fazer um reconhecimento merecido a homens e mulheres tão simples, batalhadores e dignos, e desvendar para a própria Universidade e a sociedade outros mundos tão próximos, mas muitas vezes invisíveis.*

**Os estudantes de Agronomia Flávio Batista e Valéria Silva, com a mãe-irmã Maria do Carmo, em Quixelô: vitória a partir da insistência**

*(Reportagem: Raimundo Madeira.  
Fotos: Júnior Panella e Davi Pinheiro)*

Antes. Dificuldade. “Eu fiz um esforço muito grande para estudar e concluir o antigo primeiro grau, na zona rural. Várias vezes, para não faltar aula, tive de nadar e atravessar um riacho carregando os livros em uma das mãos. Não acontecia com frequência, pois era só nos anos chuvosos. Mas fazia aquilo com alegria porque a presença de muita chuva significava muita alegria para todos os sertanejos daquela comunidade, inclusive o meu pai”.

Depois. Superação. “Dois meses depois de chegar aos Estados Unidos, meu trabalho foi selecionado para apresentação oral no congresso da Sociedade Americana de Física. Eu era estudante no início do doutorado, tinha dificuldade com a língua e ia falar para uma platéia internacional com muitos expoentes da área. Tudo ocorreu muito bem e minha palestra foi muito boa”.

Dois depoimentos, duas situações, um personagem principal: o filho de um agricultor e de uma professora. De Mutuca, zona rural de Jucás, a 414 quilômetros de Fortaleza, para o mundo, Antonio Gomes Souza Filho venceu desafios e hoje é referência internacional na sua área de estudo como pesquisador e professor-doutor do Departamento de Física da UFC, projetando a Universidade, o Ceará e o Brasil lá fora.

Ele ingressou na UFC aos 18 anos, em agosto de 1993, tendo passado de primeira no vestibular, embora egresso de escola pública – da quarta a oitava série, andava de bicicleta quatro quilômetros até chegar ao colégio. Ao entrar na universidade, começava a realizar um sonho não apenas individual, mas também coletivo – dos pais, amigos e professores.

Uma vez residente universitário, como ele, tantos outros moradores percorreram ou ainda estão percorrendo caminho parecido. Na trajetória de dificuldades, ganham relevo a superação e a capacidade de vislumbrar horizontes.

São todas belas lições de vida que muitos aprenderam na estrada íngreme pela sobrevivência e aquisição de conhecimento. Íngreme como o acesso até as escolas. Para chegar às unidades de ensino, Flávio Batista e Valéria Silva também tiveram de

atravessar riacho ou seguir a pé por mais de uma hora, andar de bicicleta cinco quilômetros para pegar o ônibus que percorria mais outra distância igual, sair de casa de madrugada e retornar só à noite.

Os dois são tio e sobrinha, mas é como se fossem irmãos. Quando Flávio tinha dois anos, ficou órfão de mãe e passou a ser cuidado pela irmã mais velha, Maria do Carmo, que quatro anos depois deu à luz a Valéria. Os dois cresceram sob o mesmo teto, passaram pelas mesmas dificuldades, superaram os mesmos obstáculos e chegaram à Universidade em 2005 – tentaram duas vezes entrar no curso de Agronomia e conseguiram. Hoje, eles vão superando outros desafios para concluir o curso e trilhar carreira acadêmica.

Durante três meses, Flávio chegou a ir a pé ou de carona da residência universitária no Benfica até o campus do Pici. Para economizar o dinheiro escasso, tio e sobrinha agora fazem o percurso de bicicleta. “Eu me sinto feliz, orgulhosa de mim mesma, pois não foi fácil chegar até aqui. Às vezes ainda sinto a realidade pesar, quando vejo que, enquanto vou pra aula de bicicleta, meus colegas chegam num carrão. É uma realidade que tenho de encarar, ser eu mesma e batalhar para conseguir melhorar”, diz Valéria, sem revelar ressentimentos, num misto de emoção pelas vitórias já alcançadas e outras a alcançar.

A sensação de êxito obtido talvez seja maior para quem passa a conhecer o local onde nasceram e até pouco tempo atrás moravam: o sítio Caiçara, na zona rural de Quixelô, a 405 quilômetros de Fortaleza. Da capital à sede do município, a

viagem demora até seis horas. Da sede ao sítio onde a família reside, mais uma hora em estrada carroçável. Lugar ermo, onde as casas ficam distantes umas das outras e a comunicação com outros mundos também não é fácil. Para chegar ao telefone público mais próximo da residência, instalado há apenas um ano, é preciso seguir a pé durante uma hora.

A inspiração para transpor tantos limites está dentro de casa, vem da mãe-irmã, mulher de voz pequena e gestos grandes, que frequentou a escola pela primeira vez aos 16 anos e só chegou a fazer a terceira série. Lavadeira, agricultora, aprendeu e ensinou, por intuição, a importância dos estudos. A determinação para oferecer educação à filha e ao irmão foi exemplar. O mérito de Valéria e Flávio é inegável, mas se não fosse a insistência de Maria do Carmo, talvez essa história não estivesse sendo contada.

Entre tantas revelações pungentes, ela explica o que a moveu. “Quando eu pedia para ir à escola, minha mãe dizia que não podia colocar todos os filhos, então não ia nenhum. Então eu dizia para mim mesma que, quando casasse, teria poucos filhos para poder colocar todos na escola”, rememora Maria do Carmo, primogênita entre 11 filhos. Foi o que fez.

## Do isolamento ao contato com outros mundos

“Quem já viu filho de pobre se formar?”, revidava Francisco quando Raimundo, ainda criança, dizia que um dia iria se formar. Aos oito anos, o filho jáaju-



Raimundo Santos e os pais: deslocamento para a escola de canoa e estudo à luz de lamparina

dava o pai na agricultura, mas antes chorava para estudar. “A escola só matriculava aos sete”, lembra a mãe, Maria Carlos. Raimundo é um caso típico daqueles que *a priori* estariam fadados a ter o mesmo destino do pai – os quatro irmãos terminaram o Ensino Médio e estão trabalhando na roça. “Não sei nada com a caneta, só com a foice mesmo”, diz, resignado, Francisco, explicando a falta de intimidade com as letras e a proximidade com a labuta. A mãe foi um pouco mais adiante: concluiu a segunda série.

Para alguns pais, que não tiveram oportunidade de acesso ao ensino formal, estudar não era direito assegurado ou compreendido como tal por eles próprios. No caso de Raimundo, o Ensino Superior era um sonho impossível não só pela resistência dos pais, mas pela dificuldade de acesso à educação e a localização geográfica. “Por aqui ninguém comentava sobre vestibular. Terminei o terceiro ano sem saber o que era, mas tinha intenção de continuar estudando e fui atrás”, descreve Raimundo. Como em muitos municípios, a meta era no máximo concluir o Ensino Médio. “Quem terminasse estava formado”.

O lugar onde Raimundo nasceu e ficou até recentemente é tão isolado que a mãe revelou à equipe da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis nunca ter visto Fortaleza nem pela tevê. “Mas vai ver quando ele se formar e você for assistir à formatura”, replicou Augusta Alves de Freitas, diretora do Programa de Residência da UFC, durante visita à família. Nesse mesmo lugar, sítio Umari, zona rural de Beberibe, a 83 quilômetros da Capital, o carro da equipe do programa atolou. “O celular não funcionava, não passava uma vivalma. Quando apareceu alguém, disse que a casa mais perto ficava a dois quilômetros, mas não tinha ninguém. Estávamos ali isolados do mundo”, descreve Augusta.

Rumo à casa do estudante, a sensação é mesmo de isolamento, o que é reforçado pela própria família. “Hoje, isso aqui está uma cidade, está bom demais. Há cinco anos, para ir à sede, precisava de carroça ou ia a pé”, diz Maria Carlos. Agora, já entra carro, mas demora ainda uma hora da sede ao local. Uma alternativa é usar a

canoa, transporte de que Raimundo tanto se valeu para chegar à escola, mas o tempo de deslocamento é o mesmo.

Há dois anos não havia energia elétrica no sítio, novidade que chegou em julho de 2006, quando o estudante já havia se mudado para Fortaleza. Na Capital, começou morando com o tio, e teve a primeira oportunidade de estudar à noite com uso de luz elétrica. No Interior, usava lamparina. Aprovado para o curso de Física da Uece, Raimundo Nonato Carlos dos Santos ingressou em 2007, mas só fez um semestre e foi tentar pela segunda vez na UFC, conseguindo entrar este ano, no mesmo curso.

### Construindo o próprio futuro

Ainda criança, Nataniel Pereira Martins, 22, já demonstrava afinidade com o que mais tarde seria uma decisão sua: estudar Engenharia Civil. Nas brincadeiras infantis, mas com seriedade, ele erguia, ao seu modo, pequenas construções. “Uma vez, fiz um prédio de seis andares. Todo dia ia construindo, até que o prédio ficou maior do que eu”. Era como se estivesse construindo ludicamente o próprio futuro. A mãe Elizabeth Martins desperta as memórias para compor uma história que já se revela vitoriosa. “Ele fazia casinhas brincando com pedaços de telha e barro e colocava bonequinhos dentro. Mas um

dia a chuva derrubou tudo. Nessa época, talvez ele já tivesse o sonho”. Sonho interrompido apenas na fantasia de menino. Não houve tempo que interrompesse o sonho real.

Nataniel terminou os estudos em Aratuba, a 128 quilômetros de Fortaleza, e tentou o vestibular para Engenharia Civil na Capital, onde nunca havia pisado. “Eu tinha medo que ele se perdesse”, conta Elizabeth, com o sentimento de proteção tão característico das mães. Mas havia medos maiores. “Eu cheguei a dizer que, se dependesse de mim, ele não tentaria porque eu não tinha condições de mantê-lo em Fortaleza”. A força de vontade foi superior. Ele fez o vestibular, não conseguiu aprovação, mas tentou outra vez e entrou.

Não fosse a determinação própria, a sensibilidade e apoio da mãe e o estímulo de alguns conterrâneos, talvez hoje Nataniel estivesse, no máximo, trabalhando como ajudante de obras, servente ou pedreiro em Aratuba. Mas não. Ele está no caminho para se tornar um engenheiro civil. Provavelmente, a primeira edificação que fará será para a própria família, formada por cinco pessoas que sobrevivem com uma renda inferior a um salário mínimo.

Após ser acolhida por quatro residências diferentes, a família conseguiu doação de material e ajuda de amigos para erguer a casa de mutirão, onde o piso é de terra batida e as paredes ainda não receberam



Elizabeth Martins, em Aratuba: sonho de ver a casa construída e o filho, Nataniel, formado em Engenharia Civil

reboco. Na casa, Nataniel fez intervenções já não mais de brincadeira. Orientou a mãe sobre a quantidade de material para a obra e fez a instalação elétrica. Atribui o aprendizado ao gosto que sempre teve por Física e Matemática.

### **Somando conquistas, diminuindo obstáculos**

A venda de picolé foi o que ajudou o pai de Camila Porto da Costa, 22, a criar os quatro filhos. Desde que o casal Pedro e Fátima chegou a Fortaleza em 1982, vindos de Granja, ele entrou na lida, percorrendo ruas, praias e estádios de futebol. Mesmo com os movimentos comprometidos por um acidente de trabalho aos 19 anos na construção civil, até dois anos atrás recorria à atividade informal para dobrar o salário mínimo que recebe como benefício por invalidez.

Parou, mas o carrinho de picolé, símbolo de sua luta, continua diante da casa onde mora, no Conjunto Timbó, em Maracanaú, uma área de invasão onde estão há 22 anos. Espaço reduzido a um quarto, cozinha e banheiro, pequeno a abrigar pessoas de grandeza incomum. “Espero que um dia os filhos ganhem dinheiro para aquecer a casa”, deseja.



**Fátima e Pedro: venda de picolé ajudou filha Camila Porto a cursar Matemática**

A filha Camila, segunda da prole, foi a única que entrou na universidade – os outros terminaram o Ensino Médio, mas não tentaram o vestibular. “Era o sonho dela. Ela começou a estudar com um ano e seis meses. Desde os oito, falava em terminar os estudos, fazer faculdade e ganhar emprego bom. Aos 12, dava aula de reforço para receber um trocadinho”, diz o pai, com orgulho.

Sempre dedicada aos estudos, ia para a escola mesmo doente ou sem ter feito a refeição. Persistente, tentou o vestibular dez vezes – três na UFC, três no Cefet e

quatro na Uece. “Chorava demais quando ia ver o resultado e o nome dela não estava na lista”, lembra a mãe. Chorava também quando a falta de dinheiro para pagar a passagem impedia de ir ao curso preparatório para o exame. A dor era extensiva aos pais. E Pedro saía, mesmo sob chuva, para vender os picolés e assegurar o dinheiro para a filha. “Às vezes, eu deixava de comprar comida para garantir o transporte dela”.

Primogênito, Pedro e os outros dez irmãos não tiveram a oportunidade de estudar. O trabalho era prioridade. E apenas com cinco anos de idade, foi levado para a roça. Ele lembra que, quando pedia ao pai um lápis, uma caneta ou uma “cartilha do ABC”, recebia dele uma enxada ou uma foice. Para os próprios filhos, ele já aspirava outro destino. “Eu dizia para mim mesmo que tinha fé em Deus que nenhum dos meus filhos seria analfabeto”. A filha Camila vai bem mais longe, já está no terceiro semestre de Matemática, somando conquistas, diminuindo obstáculos.

### **Novos horizontes**

“Quando tinha quatro anos e chegou do primeiro dia de aula, ainda no Jardim, ele me disse que iria ser um médico que nem os



**Orgulho: a engomadeira Maria de Fátima e o filho Alan Paulino, estudante de Medicina vindo de escola pública**

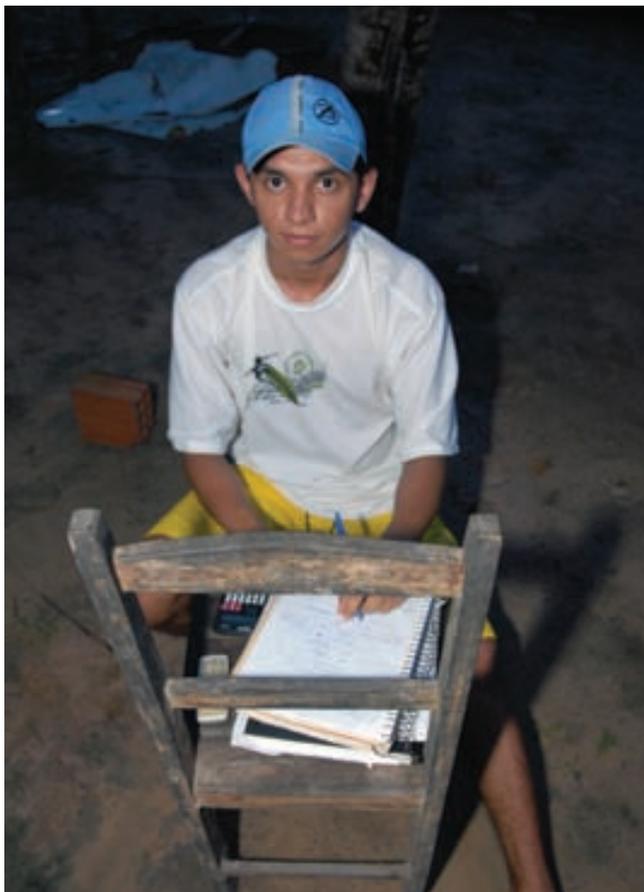
das novelas”, lembra Maria de Fátima Paulino, mãe de Alan Paulino, orgulho da família e de Horizonte, na Região Metropolitana de Fortaleza, por ter conseguido passar no vestibular para Medicina, um dos cursos mais disputados e difíceis da UFC. Trabalhando como engomadeira, complementando a renda do marido – um salário mínimo como auxiliar de lavanderia –, ela foi uma grande estimuladora do filho, dando vazão à vontade e esforço próprios dele e resistindo aos desestímulos.

As pessoas chegavam até ela para propor que ele, hoje com 23 anos, desistisse e fosse trabalhar na empresa de sapatos da cidade. Até entre os sete irmãos faltava compreensão sobre a relevância dos estudos. “Mesmo sabendo que seria difícil, eu acreditava”, diz Fátima, que só fez até a segunda série. Não foi fácil. Foram três tentativas, mas uma grande vitória, com o ingresso do filho na UFC em 2006.

Ali na mesma cidade, outra mãe teve atitude diferente. “Eu dizia que era melhor ele arranjar um emprego”, confessa a agricultora Maria das Graças Oliveira, mãe de Samuel Oliveira, estudante de Física. A falta de percepção sobre a importância da educação é consequência da falta de oportunidades. “Para estudar, era preciso andar duas léguas”, observa ela, que só sabe assinar o nome.

Mas se faltou incentivo dentro de casa, sobrou desejo interior. Ainda criança, Samuel era obstinado pelos estudos. “Doente do pé, ia assim mesmo, descalço, para a escola”, relembra a mãe. Morando na zona rural de Horizonte, distrito de Dourado, passou os seis primeiros meses do terceiro ano do Ensino Médio pegando carona, pois estudava a cinco quilômetros de casa. Como desperdiçava tempo esperando o que era incerto, optou por um contrato de quatro meses com um mototaxista, pagando R\$ 30,00 por mês.

Aprovado na UFC, por não ter entregue exames médicos em tempo hábil à Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis, ele



**Samuel Oliveira: sacrifícios para o ingresso e estudo obstinado na casa humilde da zona rural de Horizonte**

ficou um semestre sem direito à residência. “Eu ia e vinha todo dia. Pagava por dia quase dez reais e chegava meia-noite em casa”. Depois de tanto esforço, uma sensação. “Parece que a universidade pública é feita mesmo para os ricos e as particulares para os pobres. Para eu entrar, foi esse sacrifício todo”.

Na residência, além da moradia, alimentação e tranquilidade para os estudos, ele cultivava afetos. No dia 11 de abril, os colegas comemoraram o 20º aniversário de Samuel. Segunda vez em duas décadas. “A primeira foi quando criança, numa casa de taipa, sem luz, e como não tinha a vela do bolo, tive de apagar a lamparina”, relembra. A equipe de reportagem surpreendeu Samuel um dia depois do aniversário, quando ele estava no distrito de Dourado, em pleno sábado, fim de tarde, em frente da casa da família, estudando com os livros sobre uma cadeira servindo de mesa improvisada. Ele não sabia que a equipe iria.

## No curso da História

Dos estudantes que aceitaram contar suas histórias de dificuldades e superações para chegar à universidade e se manter nela, Rafaela Parga é a que está mais perto de concluir o Ensino Superior – faz o último semestre. Para quem pensou que fosse algo distante, por ter sempre estudado em escola pública e morado onde não havia cultura de prestar o vestibular, ela está fazendo história.

“A perspectiva era concluir o Ensino Médio e trabalhar”, diz, tendo como exemplo os próprios irmãos, mais novos, que concluíram e pararam por aí. Ela quase ficou na mesma situação. Terminou o Ensino Médio em 2000 e só foi tentar o vestibular três anos depois, sob o incentivo da mãe, vizinhos, amigos e colegas de trabalho. Rafaela está concluindo História.

Para surpresa sua, a permanência foi mais difícil que o acesso. “Como precisava trabalhar, tinha de ‘trancar algumas cadeiras’, meu Índice de Rendimento Acadêmico ficava baixo, por isso não conseguia bolsa”. Como havia sido aprovada no concurso temporário para agente de pesquisa do IBGE, Rafaela estava fora do perfil para ocupar residência universitária, e durante dois anos, diariamente, ficava entre Fortaleza e Caucaia.

Com o fim do contrato, não conseguiu mais emprego. A alternativa para se manter no curso era conseguir entrar na residência universitária. “Quando a equipe da UFC veio nos visitar, eu tive vergonha. O teto da casa estava quase caindo, no sofá tinha um buraco enorme...”, lembra. Apesar dos percalços recorrentes, a situação da família é outra e a dela também. “Meu rendimento acadêmico melhorou muito depois que passei a morar na residência. O ambiente é propício ao estudante”. Prestes a se formar, ela já faz um balanço positivo. “Sou outra pessoa depois da UFC. O meu mundo era Caucaia”.

Começando agora, um dos mais novos moradores das residências universitárias está no grupo dos mais jovens alunos da universidade. Aos 18 anos, Gabriel Vidal Nascimento deixou Quixelô, a 405 quilômetros de Fortaleza, para fazer Química na UFC. Deixou temporariamente, pois a consciência crítica já bastante apurada revela o desejo de se tornar um cientista e voltar para a cidade de origem contribuindo com o seu desenvolvimento. “Quero produzir para o País estando na minha cidade”, diz, questionando a falta de uma política avançada de implantação de instituições de ensino e desenvolvimento no Interior.

Aprovado na primeira vez que tentou o vestibular, Gabriel é filho de Zilnete, que estudou só até a quarta série, trabalha como gari e mantém sozinha a casa cedida pelo governo em 1995 – o marido foi embora, o filho do meio, também partiu



**Os pais de Edvan Ferreira, em Barreira: conquistas do único universitário, de 11 filhos, exibidas como troféus**

para São Paulo em busca de trabalho e, o mais velho faz Letras pela Uece na própria região. “Antes, ela lavava, passava... as artimanhas que todo pobre usa para sobreviver”, acrescenta Gabriel.

### **Da (im)possibilidade à realidade**

O universo de vida de muitas famílias não permite que tenham a devida compreensão sobre o ingresso dos filhos numa universidade, embora sintam que é um grande feito para quem nasceu e cresceu em meio a adversidades. A possibilidade de ver um filho com uma formação superior não era sequer ventilada na família de Edvan Ferreira. Mas a surpresa veio em dose dupla: ele foi aprovado em 2006 no vestibular da UFC e da Uece, ambos em primeira tentativa, para Matemática.

Único dos 11 filhos a entrar na universidade, além dele apenas um chegou a concluir o Ensino Médio. Feita a opção pela UFC, ele se matriculou, mas não tinha onde ficar. Durante dois meses transitou entre a casa de um e outro, conhecidos da família em Fortaleza. “Tinha dias que dormia sem janta porque estava também na casa de gente pobre e não comprava comida para economizar e pagar as passagens”, revela a mãe, Irene. Ela se refere ao campus onde o filho estuda como “colégio Pici”, mas sabe que é bem mais do que as escolas onde ele estudou em Barreira, a 75 quilômetros de Fortaleza.

Para a família, cada conquista tem o seu valor e não é por menos que os pais de Edvan revelam tanto contentamento com as vitórias do filho caçula. Quem está acostumado a tão pouco vê como grandes ganhos o filho assegurar uma bolsa de assistência ou ser fiscal de prova do vestibular. As comendas conferidas a Edvan pela prefeitura de Barreira como “aluno destaque” em 2002 e 2003 ainda são exibidas como troféus pelos pais, os aposentados Irene e Evangelista, ambos desconhecedores das letras.

“Por conta da realidade financeira da família, nosso destino era começar a trabalhar cedo e deixar os estudos”, reforça Ana Paula Martins, 24. Foi assim com os irmãos mais velhos – apenas um mais



**O futuro químico Gabriel e sua mãe Zilnete, gari em Quixelô: desejo de ser cientista e contribuir com sua cidade**



**Contrariando o destino: a aluna de Pedagogia Ana Paula Martins com os pais em seu pequeno comércio em Quixadá**

novo chegou a concluir o Ensino Médio, em uma família de oito filhos. Com ela, foi diferente. Estudante de Pedagogia a ingressar na universidade em 2004, depois de duas tentativas frustradas – na própria UFC e na Uece –, Ana Paula não tinha incentivo em casa. “Eu nem compreendia o que era Ensino Superior. Foi na escola que tive contato, fui estimulada e comprei a idéia”.

Os pais Paulo e Eliene sobrevivem do apurado em um botequim, no primeiro cômodo da casa própria em Quixadá conquistada há três anos. No empenho de conseguir aprovação e precisando trabalhar, Ana Paula chegou a se dividir entre emprego e estudos, dormindo só quatro horas ao dia, em média, durante quatro meses. “Só tive desestímulos. Como no círculo de amigos e vizinhos não havia ninguém na universidade, todos diziam que universidade era lugar para rico e eu era pobre. Quando não passei da primeira vez, ouvi de muitos: eu não disse que você não ia passar”. Passou de segunda e está indo longe.

### **Sensibilidade, fortaleza e insistência das mães**

As histórias dos filhos não seriam as mesmas sem as mães. Há algo de heroís-

mo entre eles e elas. A mãe de Nataniel Pereira Martins, 22, estava na sétima série quando engravidou do primeiro dos cinco filhos, hoje com 26 anos. O pai foi embora e ela passou a trabalhar como empregada doméstica entre uma casa e outra em Aratuba. Deixou de estudar, mas não perdeu a noção da importância do estudo. “Eu sempre dizia para os meus filhos estudarem que era apenas o que eu teria de deixar para eles”, afirma Elizabeth.

É o mesmo patrimônio que a cozinheira Raimunda Nonata Parga quer entregar aos filhos. Como quem se fortalece a cada situação de sofrimento, essa maranhense de Bacabal é um exemplo de superação. Abandonada pelo pai, órfã de mãe ainda pequena, foi “adotada” como empregada doméstica, fugiu de casa e ficou vários anos de uma residência a outra exercendo o mesmo ofício, em geral sob o sistema de exploração, tão comum a esse caso.

Quando nasceu a primeira filha, ela teve dificuldades para encontrar emprego, pois muitos patrões exigiam que se desvencilhasse da menina. “Quando meus filhos nasciam, eu pensava: quero dar a eles o que não tive. Eu não tive chance de estudar. Quando procurei alguém pra me ensinar, já estava com 13 anos. Eu passava dois dias inteiros para quebrar coco babaçu para encher uma lata de óleo e vender

para pagar a professora. Durante alguns meses, aprendi a fazer cálculos e escrever o nome, na base da palmatória”, descreve.

O histórico não fragilizou Pretinha, como é conhecida. Ao contrário, foi impulsionada a transformar a realidade dos filhos. “Uma vez eu disse no colégio que ainda iria ver a minha filha formada, quando ouvi de outra mãe que nem o filho dela que tinha melhores condições financeiras talvez não conseguisse, imagine a minha”, conta. A filha é Rafaela Parga, que se forma este semestre em História e prestou vestibular mais por pressão da mãe. Era, na verdade, um incentivo.

Algumas mães foram partícipes diretas do processo de conquistas. Maria Gomes de Souza, mãe do professor Antonio Gomes, do Departamento de Física da UFC, era também professora, em Jucás, das séries iniciais, do que na época se chamava Escola Isolada, e um dos alunos era o próprio filho. “Foi muito mais que professora. Meu interesse em estudar, o incentivo constante para superar muitas dificuldades... devo tudo a ela”, reconhece Gomes.

### **Ex-residentes, hoje influentes**

Quem já precisou das residências universitárias para se manter na UFC e concluir os estudos sabe bem o que elas representam. Hoje autoridade municipal como Secretário de Saúde em Fortaleza, Odorico Monteiro foi residente do segundo ao último semestre do curso de Medicina.

De origem pobre, nascido em Arneiroz, aos oito anos, em 1969, ele ficou órfão do pai, um pequeno comerciante. No ano seguinte, a mãe, viúva aos 26 anos, foi com eles para Iguatu, onde Odorico ficou até os 18, indo em seguida para Fortaleza concluir o então Segundo Grau. Passou dois anos morando na casa de um tio, foi aprovado em oitavo lugar no vestibular de 1982, e no segundo semestre entrou na residência universitária.

Durante o curso de Medicina, muitas vezes sem dinheiro para pagar a passagem de ônibus entre Benfica e Porangabuçu, pegava carona com os colegas. “Devo a minha formatura muito à residência universitária”, reconhece.

Outros também. “Muitas pessoas se formaram na UFC por causa das residências universitárias, e minha mulher foi uma delas”. A observação feita por René Barreira durante uma das solenidades na gestão como reitor da UFC se referia à assistente social Socorro Barreira, professora universitária aposentada.

Natural de Morada Nova, Socorro chegou a Fortaleza na década de 1960. Filha única de um pequeno proprietário rural e uma dona de casa, acredita que, se tivesse irmãos, as dificuldades fossem maiores. “Se fossem muitos, talvez eu não tivesse conseguido estudar e chegar à faculdade. E para me manter em Fortaleza não foi fácil”.

Aos 17 anos, ela ingressou na faculdade e no segundo ano entrou na residência, permanecendo de 1966 a 1968. Antes, ficava em pensionatos e chegava a percorrer 18 quarteirões a pé até a Praça dos Leões para pegar um ônibus que a levasse até a Escola de Serviço Social, vinculada à UFC. “As coisas melhoraram muito depois da entrada na residência”.

### “Como seria sem a residência?” “Não seria”

– Como seria se você não tivesse conseguido uma vaga na residência universitária?

– Não seria.

À pergunta feita para diferentes resi-

dentos, uma resposta única.

“Talvez não tivesse hoje concedendo essa entrevista”, reconhece Antonio Gomes, que ingressou na residência dois meses após o início do curso de Física, permanecendo até o fim da graduação. Sem ter como financiar os custos com moradia, durante os dois meses iniciais ficou na casa de um colega do curso. “O que vinha da minha mãe só cobria transporte e alimentação. Depois que ingressei na residência, tive mais tranqüilidade para estudar”.

“Não adianta sonhar um sonho que você não tem condições de realizar. Sem a residência, eu não continuaria”, diz Flávio Batista, natural de Quixelô.

A situação de dinheiro minguado para o transporte e as refeições, feitas na rua, provavelmente também teriam impedido a estudante de História, Rafaela Parga, de continuar. “Possivelmente teria ‘trancado’ o curso”, reforça.

“Eu pensei em desistir quando vi que, mesmo enquadrada nos critérios, não havia conseguido”, acrescenta Kleiane Bezerra, aluna de Letras (Português), vinda de São Benedito.

“Se não fosse a residência, meus filhos não teriam conseguido ficar. Não temos parentes lá nem condições de mantê-los”, reforça a costureira Irene dos Santos Cavalcante, que tem dois filhos estudando na UFC e morando em residências universitárias, Tiago, 22, terceiro ano de Agronomia, e Liliane, 23, último ano de Secreta-

riado. Beneficiária do Bolsa Família, mãe de seis filhos, ela mantém a casa sozinha em Pentecoste – só recentemente dois dos filhos começaram a trabalhar, numa fábrica de calçados e num mercantil.

Mesmo com moradia assegurada, há outras demandas a atender. “Ainda me preocupo com o dinheiro para o transporte dele. Quando ele vem me visitar, eu aperto e dou”, diz Elizabeth, mãe de Nataniel Pereira Martins, estudante oriundo de Aratuba.

Além das dificuldades financeiras, os residentes, por serem egressos de escolas públicas, enfrentam um desafio a mais. “Preciso estudar mais para acompanhar o ritmo”, aponta Edvan Ferreira, natural de Barreira. “Terminei o terceiro ano sem base nenhuma. Quando peguei pela primeira vez uma prova de Química da UFC, não sabia de nada”, lembra Alan Paulino, estudante de Medicina, nascido em Horizonte.

### Das etapas para conseguir uma vaga

O processo para conquistar uma vaga nas residências universitárias envolve etapas por parte da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e por parte dos solicitantes. A equipe da Pró-Reitoria faz inicialmente o levantamento do número de vagas, divulga o edital com as instruções necessárias para os alunos, realiza as entrevistas, recolhe a documentação e visita às moradias dos que forem pré-selecionados. A visita é determinante para a seleção, mas mesmo depois dela os selecionados são encaminhados para exames médicos e devem participar de um seminário, quando recebem todas as informações necessárias aos residentes.

A psicóloga Cláudia Mont’Alverne, integrante da equipe, ressalta a importância das visitas não apenas pela necessidade de selecionar as pessoas que mais precisam da residência, mas pelo contato que a UFC estabelece com as famílias, conhecendo de perto a realidade delas e mantendo um vínculo para maior segurança e tranqüilidade de familiares e dos próprios estudantes. “É importante observar o orgulho das pessoas ao verem o carro da UFC na sua



Mãe de seis filhos, Irene dos Santos, mantém sozinha a sua casa, em Pentecoste, e vê na residência estudantil a única forma de manter dois deles na universidade



**Edinete Ferreira, aluna de Letras (Italiano), em família: dificuldades de comprovar renda e espera por bolsa**

porta, um momento de reconhecimento do tamanho da vitória”, ilustra.

“Essas pessoas precisam receber informações sobre como é a universidade, como os seus filhos irão ficar. Muitas não sabem nem o que perguntar a nós que fazemos as visitas porque a universidade é algo tão fora do universo deles. E a universidade e o ingresso na residência são importantes, mas não fazem bem para todos”, acrescenta Cláudia. Se para a grande maioria é motivo de avanço, para alguns pode ser de retrocesso. “A acomodação, o excesso de liberdade a que não estão acostumados... Tem quem dá o salto e tem quem recua”, observa, ressaltando a necessidade de informar algumas questões para a família para que ela seja partícipe do processo.

### **Necessidade de melhorias**

Assistência estudantil negligenciada, poucas residências para atender à demanda, vagas que não aumentam, manutenção precária, segurança insuficiente, alimentação ruim. Mesmo reconhecendo a importância do Programa de Residência Universitária para continuidade dos es-

tudos, muitos estudantes reclamam de alguns processos e apontam deficiências e falhas.

“Eu peço uma bolsa desde que entrei e não consegui”, diz Edinete Ferreira, 21, que ingressou no segundo semestre de 2006 para o curso de Letras (Italiano). Ela também questiona algumas exigências e ordem das etapas do processo de seleção. “Exigem comprovante de renda, mas como, se for um trabalho informal?”. O pai é “cambista” e a mãe vendedora autônoma de confecções. Das 11 pessoas que moram na casa – agora própria, mas durante muito tempo cedida à família –, apenas uma trabalha, como costureira.

Outra distorção apontada é a ordem da visita feita pela equipe do programa. “O comprovante de renda foi pedido antes da visita”, acrescenta Edinete. Mesmas observações feitas por Raimundo Nonato Carlos dos Santos, cujos pais vivem da agricultura familiar. “A maior dificuldade foi comprovar a renda. A visita foi determinante”.

Encarregada de providenciar a documentação para garantir a vaga de Edvan Ferreira, a irmã, Irane, conta que não foi

fácil. “Foi mais de um mês insistindo, pegando declaração do padre da cidade, atestado de pobreza na delegacia, fazendo foto da casa”. Dois meses depois, o irmão conseguiu.

Dificuldades identificadas também por Gabriel Vidal Nascimento, de Quixelô. “A parte burocrática é essencial, mas dificultosa, exigindo muitas viagens, várias etapas que demandam tempo grande em um lugar onde você ainda não tem estadia fixa e fica ao deus-dará, em casa de parente ou amigo, se tiver”.

A oferta de bolsas de assistência só a partir do segundo semestre é também motivo para questionamento. “Parece que você não vive no primeiro semestre da universidade, como se você não tivesse dificuldades, quando é o período que você não conhece ninguém, não tem nada concreto ainda”, acrescenta.

Sobre a dificuldade que as famílias enfrentam de obter alguns documentos solicitados, o Coordenador de Assistência Comunitária, Caubi Tupinambá, lembra que há alternativas de comprovação das poucas condições financeiras. “Não é só contracheque ou carteira profissional, mas

pode ser a declaração do pároco da cidade, o comprovante do Bolsa Família”.

Na avaliação de Caubi, a visita às famílias deve ser mesmo a última etapa do processo de seleção, pois envolve mais trabalho e custos. “A visita é o último testemunho, o tira-dúvidas. E o processo é demorado e custoso para evitar injustiças”, enfatiza.

### Outras vantagens além da moradia

A garantia de uma vaga na residência é acompanhada de outros benefícios, como direito a consultas na Divisão Médica e Odontológica, gratuidade nas alimentações fornecidas pelo Restaurante Universitário e recebimento de gêneros alimentícios para preparo nas próprias residências em feriados e fins de semana. Em todas, há computadores com acesso à Internet, mas não é em todas que há salas de estudo.

O Coordenador de Assistência Comunitária da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis, Caubi Tupinambá, aponta “bastante progresso” na atual gestão em relação à manutenção das residências. Banheiros para pessoas com deficiência, recuperação de espaços deteriorados, reformas, instalações, adaptações de espaço para estudo e higiene, retelhamento são medidas que estão sendo adotadas, segundo ele. “A estrutura deixa a desejar. O teto estava quase caindo quando eu cheguei”, diz Gabriel Vidal Nascimento, recém-chegado na residência.

“Como são casas antigas, é um processo interminável de problemas, que podem ser resolvidos com novas residências”, observa Caubi. O esvaziamento de algumas residências para transferência de estudantes para as novas é, segundo ele, um caso a ser amplamente discutido e, se for adotado, é para proporcionar melhor acomodação aos residentes. “A perspectiva aponta melhoras. A construção de novas residências vai resolver de forma mais definitiva problemas que se arrastam há alguns anos”.

A atual gestão da UFC deve interromper um período de mais de duas décadas sem a construção de residências universitárias. A última foi criada em 1982. No

ano passado, uma casa foi alugada para acomodar 29 pessoas, em consequência do movimento estudantil que ocupou a Reitoria. A construção de uma residência mista no Benfica, para atender 100 alunos, está prevista para começar ainda este ano. Uma outra, no Pici, teria capacidade para 180 estudantes, mais em longo prazo, em função da indefinição sobre liberação de recursos.

A primeira residência universitária da UFC foi criada em 1961, dirigida pelo Diretório Central dos Estudantes (DCE) e ocupava o terceiro andar do Clube dos

Estudantes Universitários (CEU), espaço hoje onde funciona o Mestrado em Economia (Caen). A UFC oferece atualmente 15 residências, com capacidade para atender até 283 alunos – há duas mistas, nove masculinas e quatro femininas.

Baixa renda e família nuclear residindo no Interior do Ceará ou em outro estado são os principais critérios de seleção adotados. A demanda é sempre maior que a oferta, o que reforça a necessidade de ampliação de vagas para assegurar um direito que para muitos é negado: o acesso e a permanência na universidade. 



Educação como patrimônio: a cozinheira Raimunda Parga (à dir.) vai realizar, em breve, o sonho de ver a filha Rafaela formada em História

# Saindo da prateleira

UFC já é a terceira universidade federal nordestina em número de trabalhos de pós-graduação publicados na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações. Novos instrumentos de informação podem melhorar ainda mais essa posição

*Open archive.* Arquivo aberto, segundo a tradução literal, também significa acesso livre. Mas a expressão em inglês identifica ainda um movimento internacional em defesa da maximização do uso da informação, socialização do conhecimento e ampliação da comunicação científica. E um dos meios pelos quais essas propostas se concretizam é a biblioteca eletrônica, virtual ou digital.

Em sintonia com a idéia e buscando inserção nessa exigente onda globalizante, o governo brasileiro lançou em dezembro de 2002 a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD). Em maio do ano seguinte, um projeto piloto foi implantado em quatro universidades – entre elas estava a UFC, ao lado das universidades Federal Fluminense (UFF), de Brasília (UnB) e Católica de Brasília (UCB).

“A UFC foi uma das primeiras a entrar no programa, que começou a ser implementado com pujança em 2006”, lembra o Diretor do Sistema de Bibliotecas, Jonatan Soares. Desde 17 de agosto daquele ano, então, a UFC está oficialmente integrada à BDTD do Brasil (<http://bdtl.ibict.br/bdtl/>), um projeto desenvolvido e gerenciado pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict) dentro do programa Biblioteca Digital Brasileira.

O impulso foi dado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), fundação vinculada ao Ministério da Educação, que por meio da portaria nº 13, de 15 de fevereiro de 2006, instituiu a divulgação digital de teses e dissertações produzidas pelos programas de doutorado e mestrado reconhecidos no País. De acordo com a portaria, a quantidade e a qualidade das publicações e os dados confiáveis sobre acessibilidade e possibili-



Site da Biblioteca Digital da UFC: maior acesso a teses e dissertações

dade de *download* passariam inclusive a ser ponderados no acompanhamento e avaliação dos programas de pós-graduação.

Com a BDTD da UFC (<http://www.teses.ufc.br>), os trabalhos de mestrado e doutorado agora podem ocupar mais do que as prateleiras do Sistema de Bibliotecas da Universidade. Podem ser depositados no espaço dos arquivos eletrônicos. A articulação entre bibliotecários, secretários dos programas de pós-graduação, técnicos do Núcleo de Processamento de Dados (NPD), mestrandos e doutorandos está possibilitando a disponibilização dos materiais na *Web*. Assim, os trabalhos ficam facilmente acessíveis através do portal da UFC, além do acesso pela própria página do Ibict e pelo *site* de busca *google acadêmico* ([scholar.google.com.br](http://scholar.google.com.br)).

A portaria da Capes recomenda que todos os trabalhos defendidos a partir de 2006 sejam depositados na Biblioteca Digital, mas os autores de dissertações e teses concluídas antes desse período também podem inserir o material no banco de publicações. Basta entrar em contato com a secretaria do programa de pós-graduação ao qual esteve vinculado. Os trabalhos em versão eletrônica são rapidamente incluídos, mas quem só tem a dissertação ou tese em papel ainda vai ter de esperar um pouco. A idéia é, a longo prazo, oferecer a digitalização do material que favoreça sua inclusão.

Para surpresa do próprio Sistema de Bibliotecas, a UFC já conseguiu recuperar um trabalho defendido há 17 anos, cadastrado em março último. O autor é o pro-

fessor aposentado do Departamento de Análises Clínicas e Toxicológicas da Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem (FFOE), Célio Lima de Melo. Em 1991, ele defendeu a dissertação intitulada “Efeitos farmacológicos da ternatina, um flavonóide isolado de *Egletes viscosa*, LESS”, quando estudou as propriedades da planta conhecida popularmente como marcela ou macela, estabelecendo as bases científicas para sua utilização na medicina popular. “Os alunos antigos estão procurando de forma surpreendente a Biblioteca Digital”, observa a bibliotecária Josineide Silva Góis, que atribui a essa parcela de autores a importante contribuição para o número expressivo de trabalhos já depositados na biblioteca eletrônica. “Há dois anos não havia nenhum trabalho depositado”, diz Jonatan. Hoje, a UFC está em 20º lugar entre as universidades brasileiras e em terceiro entre as nordestinas. “Estávamos em sexto lugar no Nordeste”, compara ele. Dos 58 programas de pós-graduação da UFC, estão cadastrados no sistema 49, cujos mestres e doutores formados já depositaram 578 trabalhos até o último dia 8 de maio.

Uma novidade promete melhorar ainda mais a posição da UFC no ranking de publicações eletrônicas. Desde fevereiro, encontra-se também na rede mundial de computadores o Guia para Submissão de Tese e Dissertação na BDTD/UFC (<http://www.biblioteca.ufc.br/guiabdtd.pdf>). Elaborado pela bibliotecária Josineide Silva, o material oferece os procedimentos necessários para o cadastro dos trabalhos científicos na Biblioteca Digital.

O cadastro do aluno na Biblioteca Digital é realizado logo após a matrícula, permanecendo ativo até a conclusão do curso. Após a defesa, o autor digita uma senha para entrar no sistema, cadastra o trabalho, converte-o em arquivo no formato pdf protegido e transfere-o para o programa de pós-graduação. O sistema cancela a senha, a secretaria do programa se encarrega de efetuar o cadastro das informações da dissertação ou tese, revisar e finalizar a submissão do trabalho e a biblioteca conclui o processo para que fique disponível na Biblioteca Digital. Um úni-

co exemplar impresso é recebido para ser incorporado ao acervo geral do Sistema de Bibliotecas da UFC.

Integrar os sistemas de informação de teses e dissertações existentes no País, permitir a busca e recuperação de documentos produzidos no Brasil ou por brasileiros no Exterior e atender às demandas de informação de gestores de ciência e tecnologia, estão entre as vantagens da Biblioteca Digital. A unificação do sistema e a divulgação dos trabalhos dos alunos e da própria universidade são os principais benefícios, afirma Jonatan Soares.

Além de tudo isso, o Ibict faz a integração das bibliotecas digitais das instituições de Ensino Superior brasileiras a bibliotecas de referência internacional, a *Networked Digital Library of Theses and Dissertations (NDLTD) – Electronic Thesis/Dissertation* e o *Online Computer Library Center (OCLC)*. “A Biblioteca Digital está em sintonia com o *open archive*, que defende que tudo o que seja produzido na universidade esteja aberto a todos, de volta para a sociedade. A UFC está se agregando a essa onda”, conclui Jonatan.

## Partindo na frente

Farmacologia foi o primeiro curso de pós-graduação da UFC a se cadastrar na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações e está na liderança no número de trabalhos depositados – 124 dos 578 de toda a Universidade. Um dos primeiros alunos a cadastrar a dissertação, o farmacêutico

graduado em 2003, Roberto César Pereira Lima Júnior, deu importante contribuição ao processo.

Ele estava concluindo o mestrado em julho de 2005 quando despontou a Biblioteca Digital da UFC, e não se preocupou só com o próprio cadastro, feito em março de 2006, mas colaborou com a implantação da novidade auxiliando os colegas a também se cadastrarem. “Enquanto aluno, ele começou a Biblioteca Digital, teve uma participação ativa”, avalia a bibliotecária Josineide Silva. Agora, Roberto está prestes a fazer um segundo depósito, pois defenderá a tese de doutorado em junho próximo.

Alguns cursos ainda não depositaram trabalhos porque o secretário não foi capacitado ou porque a primeira turma ainda não se formou, não havendo, portanto, dissertação defendida. Outros cursos apresentam um número apenas aparentemente inexpressivo de trabalhos – os 12 depósitos feitos pela pós-graduação em Odontologia, por exemplo, correspondem ao total de defesas que o curso teve até agora.

O cadastramento dos programas e treinamento dos secretários começaram pelo Campus do Porangabuçu, o que explica o elevado volume de depósitos da área de Ciências da Saúde em comparação com as áreas de Humanidades (Campus do Benfica) e Tecnologia (Campus do Pici). “A meta é disponibilizar tudo o que for produzido”, diz Jonatan Soares. No universo virtual, não há limites. 

TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS			
POR INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR			
	Nº	Posição na região	Posição no País
UFPE	3.742	1º	5º
UFRN	1.117	2º	14º
UFC	578	3º	20º
POR PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UFC			
	Nº	Posição	
Farmacologia	124	1º	
Educação	79	2º	
Enfermagem	61	3º	
Engenharia Civil	48	4º	
Cirurgia	33	5º	

Fonte: Sistema de Bibliotecas da UFC/- Data: atualização até 8 de maio de 2008



# O legado de Ícaro

Companheiro, trabalhador, visionário, corajoso. A figura do Reitor Ícaro de Sousa Moreira, falecido recentemente, guarda muitas dimensões. O amor e compromisso com a Universidade Federal do Ceará estão perpetuados em ações realizadas e projetos preparados para a Instituição

“Para nós, Ícaro deixou uma obra que, embora inacabada, se constitui em imorredouro legado. Em sua rápida passagem pela administração da UFC, ele perpetuou lições de amor à Instituição, de compromisso com a Universidade pública e a democratização do ensino de qualidade; lições de lealdade e companheirismo; lições de coragem e otimismo”. Foi com essas palavras que o Prof. Jesualdo Farias, então Vice-Reitor da UFC, saudou a memória do Reitor Ícaro de Sousa Moreira na missa de corpo presente realizada no salão nobre da Reitoria no último dia 19 de abril.

O tom do discurso define o sentimento que se apoderou das pessoas que fazem a Administração Superior da UFC depois da perda inesperada. Entre a saudade e a convicção da permanência do trabalho que vinha sendo realizado, o novo reitor e os pró-reitores são unânimes em elogiar e defender a continuidade dos projetos e ações desenvolvidos nos dez meses de gestão do Prof. Ícaro. “Apesar do curto tempo de gestão, a marca impressa por ele é muito longa e que, se posta em execução, a gente pode levar bastante tempo cuidando dela”, defende Custódio Almeida, Pró-Reitor de

Graduação.

Mais do que exercício de retórica, o sentimento de continuidade se evidencia no dia-a-dia dos projetos em elaboração ou em execução na Universidade. No caso da graduação, por exemplo, principal bandeira da gestão de Ícaro, Custódio aponta algumas ações importantes para a área, como o Programa de Bolsa Institucional de Iniciação à Docência (Pibid) e o Programa Especial de Apoio à Graduação. O primeiro é uma iniciativa do Ministério da Educação (MEC) e vai reunir secretarias estaduais e municipais de educação e

as universidades públicas, através de bolsas de iniciação à docência, com o objetivo de aumentar as médias das escolas públicas participantes do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

“O Ícaro foi avisado em primeira mão e me relatou muito empolgado sobre o Pibid. Ele achava que esse poderia ser um excelente espaço de atuação da UFC na educação básica”, conta Custódio. “A gente vai trabalhar com dois liceus estaduais e mais outra escola do Estado com uma perspectiva de cerca de 80 bolsas para os alunos da UFC, fortalecendo a iniciação à docência para os nossos estudantes e deixando marcas importantes na escola pública”.

Já o Programa Especial de Apoio à Graduação, segundo o pró-reitor, foi uma iniciativa muito bem-sucedida já no início da gestão de Ícaro e que deverá se firmar como modelo para os próximos anos. “Pela primeira vez, a reitoria lançou edital disponibilizando uma verba razoável de recursos próprios. Ao todo, o primeiro edital disponibilizou R\$ 1,15 milhão. Os cursos de graduação fizeram projetos de excelência, respondendo à pergunta ‘o que vocês fariam para se tornar cursos de excelência?’”, afirma Custódio.

O professor lembra também que essas foram ações que sinalizaram para a prioridade que a gestão iria definir em relação à graduação. “Isso não significou abandonar outras áreas, muito pelo contrário. Focar na graduação seria impulsionar a vida acadêmica da universidade, incluindo aí a pós-graduação e a extensão”.

Em parceria com a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, a Pró-Reitoria de Graduação solicitou 350 bolsas de doutorado e 200 de mestrado para os alunos da UFC, através da implementação das bolsas do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) destinadas à pós-graduação. De acordo com Custódio, 70 bolsas já foram repassadas à UFC, sendo 50 de doutorado e 20 de mestrado. Juntas, as duas pró-reitorias definiram quais os programas de pós-graduação iriam receber as primeiras bolsas e como seria a atuação dos alunos bolsistas nos cursos de graduação.

## Assistência estudantil

O trabalho combinado, realizado a partir do diálogo entre os diferentes setores da universidade, foi outra marca da gestão do Prof. Ícaro Moreira que deverá ser mantida na atual gestão. “A equipe está muito integrada. Nós tínhamos reuniões semanais com o reitor, sabíamos o que estava acontecendo nas outras áreas”, comenta a Pró-Reitora de Assuntos Estudantis, Prof<sup>a</sup> Clarice Ferreira Gomes.

Ela destaca o bom diálogo que Ícaro mantinha com os estudantes – o que se consolidou já na época da ocupação da reitoria durante o debate sobre a implantação do Reuni – e a atenção que a reitoria deu, e que, segundo ela, vai continuar dando, às reivindicações do corpo discente apresentadas no início da gestão. Os estudantes prepararam um documento com 41 reivindicações relativas a diversos setores da vida acadêmica, metade das quais foi atendida.

Entre as reivindicações atendidas, ela aponta as melhorias no Restaurante Universitário (com diversificação do cardápio, reformas na infra-estrutura, contratação de pessoal, etc.); a elaboração do projeto de construção de um refeitório no Campus do Porangabuçu; a criação de uma linha de ônibus interna no Campus do Pici para facilitar o trânsito dos alunos dentro da unidade acadêmica; o aumento do número de bolsas de extensão, de monitoria e

de assistência da UFC, que deverão chegar a três mil em 2011; e o início da ampliação e das melhorias da infra-estrutura da residência estudantil, que deverá ser viabilizada através de verbas do Reuni, de parcerias com instituições como o Banco do Brasil e da captação de recursos de emendas de orçamento.

“Essa era uma das principais preocupações do Prof. Ícaro, dar condições dignas de moradia aos nossos alunos”, afirma a professora, que reconhece que as instalações do serviço de residência universitária da UFC são muito antigas e não passaram pelos serviços de manutenção adequados. Clarice explica que uma das metas é construir uma residência universitária no Pici, onde estudam 40% dos alunos que necessitam do serviço de moradia. O projeto, segundo a professora, está pronto e aguarda apenas dotação orçamentária para ter suas construções iniciadas. A residência do Pici disponibilizará 180 novas vagas.

## Pós-graduação

No âmbito da pós-graduação, a UFC comemorou no fim do ano passado os resultados da última avaliação trienal da Capes (2004-2007), onde conseguiu elevar o conceito de 12 cursos de pós-graduação em relação à avaliação anterior e registrou apenas três cursos com conceito inferior à média três. A meta da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação é que na próxima



Ícaro Moreira em visita ao Restaurante Universitário do Campus do Pici



### Ritmo de trabalho intenso e diálogo permanente estimulavam sua equipe

avaliação, a ser realizada em 2010, relativa ao triênio 2007-2009, nenhum curso da Universidade registre conceito menor ou igual a três, valor mínimo exigido pela Capes para o funcionamento pleno de uma pós-graduação. Tal resultado permitiria, por exemplo, a ampliação do número de cursos de doutorado oferecidos.

Para isso, a Administração Superior se reuniu, ainda no fim do ano passado, com todos os coordenadores dos cursos avaliados pela Capes para definir uma política estratégica de fortalecimento da área de pós-graduação, analisando necessidades físicas e de pessoal de cada unidade. “Levantamos ponto por ponto as necessidades de cada curso para se atuar mais diretamente”, explica o Prof. Gil de Aquino, Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação.

Uma idéia que já havia sido discutida com o Prof. Ícaro e que deverá ser implementada em breve, segundo o pró-reitor, é o lançamento de um edital de fortalecimento da pós-graduação. Os recursos sairiam do orçamento da própria universidade e seriam distribuídos entre os cursos a partir da apresentação de suas principais demandas.

Atualmente, a UFC possui um total de 82 cursos de pós-graduação, sendo 56 de mestrado e 26 de doutorado. Dez novos cursos (seis mestrados, quatro doutorados) foram criados no ano passado e já iniciaram suas atividades letivas.

Segundo o pró-reitor, um dos méritos da gestão do Prof. Ícaro estava na capacidade pessoal do ex-Reitor de projetar o futuro. “Tanto ele, quanto o Prof. Jesualdo, como pesquisadores que são, não estão preocupados só com o dia-a-dia, mas com projetos, que serão avaliados daqui a seis meses e executados daqui a um ano”, defende. Essa capacidade de formular sobre o futuro contagiou todos os setores da Administração.

### Protagonismo na Extensão

Protagonismo. No âmbito da extensão,

essa é a palavra-chave da política adotada pela Pró-Reitoria de Extensão e que fez o número de projetos da área aumentar cerca de 40% ao longo dos últimos dez meses. Hoje, a UFC participa de cerca de 500 projetos de extensão, nas mais diversas áreas e viabilizados através de um amplo leque de parcerias e convênios.

Para atingir esse objetivo, a pró-reitoria mudou a estruturação de suas coordenadorias, que deixaram de ser temáticas e passaram a se organizar de acordo com cada campus. “Isso para intensificar o diálogo com a comunidade universitária e buscar maximizar as oportunidades de extensão, tanto para o corpo discente quanto para o docente”, defende o Pró-Reitor Henry Campos.

Outra ação que tem trazido resultados importantes nas áreas de ensino e pesquisa é a decisão de manter, nos projetos de extensão, referenciais teóricos voltados às demandas acadêmicas. A idéia, segundo Campos, é que a Extensão não seja trabalhada apenas através de seu caráter assistencial ou de presença nas comunidades.

“Do mesmo jeito que eu tenho referenciais teóricos para desenvolver uma atividade de ensino ou de pesquisa, isso também vale para a extensão, para que você esteja consolidando conhecimento e identificando novas oportunidades de ensino, a necessidade de inserir novos temas nos currículos e em nossas salas de aula”.



Estrutura para pesquisa e ampliação da qualidade da pós-graduação eram preocupações de Ícaro, pesquisador de inserção internacional na área de Química

Ele considera que hoje a UFC é uma das instituições de ensino superior com um dos maiores protagonismos do País, seja através da participação de programas de governo ou em parcerias com a iniciativa privada. “Isso tem sido muito bom porque significa mais recursos para a Universidade. Nós podemos falar em algo próximo de R\$ 20 milhões, movimentados desde agosto do ano passado, em novos projetos. Não param de chegar projetos e demandas”.

Segundo o pró-reitor, esses avanços são resultado de uma visão gerencial adotada pelo ex-reitor e que seguirá pautando as ações da administração superior da UFC. “Ícaro era uma pessoa que tinha uma enorme capacidade de liderança, uma visão muito ampla da universidade. Ele se revelou também um grande negociador, com uma grande capacidade de articulação e uma abertura extraordinária para o diálogo. E isso aliado com muita seriedade,

a um grande compromisso público. Essas coisas marcaram muito e possibilitaram que fosse formulado um plano de trabalho que a gente pode tranquilamente seguir”.

### Cultura e Esporte

Apesar de ser um pesquisador originário da área de ciências, Ícaro surpreendeu a comunidade acadêmica ao apoiar abertamente iniciativas relacionadas à cultura e à arte na UFC. Uma das decisões tomadas logo no início de sua gestão foi a transformação do Instituto de Cultura e Arte (ICA) em unidade acadêmica, com o objetivo de aproximar cursos relacionados à área. “Houve uma imensa abertura para a área de cultura e arte, que para alguns foi uma grande surpresa porque ele era um reitor cientista, que vem da área de ciência dura, e no entanto, foi aquele que mais prontamente abriu espaços para a cultura e a arte”, comenta Custódio Almeida, da Pró-Reitoria de Graduação.

Segundo ele, Ícaro também manifestou um claro apoio à área de Esportes e Educação Física. “Essa era outra área que poderia ser colocada em terceiro plano e que acabou sendo priorizada. Nós já estamos executando o projeto de instalação, no Campus do Pici, do Instituto de Esportes e Educação Física”.

Com recursos próprios, a UFC está fazendo uma reforma no bloco administrativo da área de Educação Física, que deverá ser concluída ainda em maio. Através de uma parceria com o Ministério dos Esportes, iniciou também o trabalho de restauração de seu Parque Esportivo e deverá inaugurar um bloco didático para o curso de Educação Física até o fim do ano. “Quando o Ícaro me convidou para assumir a pró-reitoria, ele me disse que queria dar dinâmica à Universidade e que para isso queria investir no segmento mais importante que é o estudante”, afirma Clarice.

## Graduação como eixo



“Esse é o grande eixo”. Essa foi a definição utilizada pelo Prof. Jesualdo Farias, Reitor em Exercício, após a morte de Ícaro de Sousa, ao explicar o lugar que a graduação ocupa dentro das políticas desenvolvidas dentro da Universidade Federal do Ceará. “Você fortalece a gra-

duação para, a partir daí, alimentar os canais que vão fortalecer a pós-graduação, a pesquisa e as atividades de extensão”, afirmou em entrevista à revista *Universidade Pública*.

*Universidade Pública* – Que balanço o

*senhor faz dos primeiros meses de gestão ao lado do professor Ícaro?*

Jesualdo Farias – O plano de gestão foi montado a partir de um entendimento de que uma universidade pública federal tem que ter como política central o fortalecimento da graduação. Esse é o grande eixo. Você fortalece a graduação para, a partir daí, alimentar os canais que vão fortalecer a pós-graduação, a pesquisa e as atividades de extensão. Dentro dessa lógica, todo o programa que nós apresentamos à comunidade quando da nossa campanha, transformamos no plano de gestão. O compromisso do Reitor Ícaro era o de que, no primeiro ano, se procurasse buscar a maior quantidade de recursos para investir na graduação. Imediatamente foram levantadas as grandes demandas para atender às necessidades da graduação e iniciou-se um processo de elaboração de projetos para atendê-las.

*UP – Que tipo de ação vem sendo desenvolvida para atender às demandas e solucionar os problemas da graduação?*

JF – A gente tem hoje em construção blocos de atividades didáticas para atender às necessidades da graduação no Centro de Humanidades, na Faculdade de Educação, no Centro de Tecnologia, no Centro de Ciências, na Faculdade de Direito, com apoio da bancada cearense através de uma emenda do Senador Tasso Jereissati. E também desenvolvemos ações que antecedem a intervenção de construção de obras na FEAAC, em que a gente está trabalhando a possibilidade de aquisição de um terreno para poder atender às necessidades da graduação. Estamos trabalhando fortemente no Porangabuçu, porque entendemos que essa região hoje é a mais crítica.

*UP – Por quê?*

JF – O campus do Porangabuçu recebe de uma ação muito forte, seja para atender às demandas da graduação, não só na Faculdade de Medicina, mas na Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem, e também para atender uma demanda histórica lá, que é o refeitório para os estudantes. Gestões foram feitas no sentido de conseguir o terreno, essa parte foi vencida. Estamos aguardando a liberação do terreno porque tinha uma pessoa morando e a coisa está sendo feita na Justiça para que seja desocupado e as obras se iniciem. O reitor já tinha tido uma reunião com o Conselho Departamental da Faculdade de Medicina, onde ele anunciou investimentos da ordem de R\$ 4 milhões este ano. Nós já estamos trabalhando junto com a Pró-Reitoria de Planejamento para que o programa seja definido o mais rápido possível e se inicie imediatamente a elaboração dos projetos. A gente precisa concluir esses projetos para licitar e começar as obras ainda este ano.

*UP – Na medida em que a graduação é tomada como o principal eixo da gestão, que avanços o senhor apontaria nesse sentido?*

JF – Nós tivemos, pela primeira vez na história da Universidade, o lançamento de um edital, com recursos do orçamento da ordem de R\$ 1 milhão, no final

do ano passado. Perguntamos aos cursos de graduação da UFC que tipo de intervenção a administração superior poderia fazer para que aquele curso se tornasse de excelência. O grande ganho desse edital não foi propriamente o investimento de R\$ 1 milhão para os cursos de graduação, mas o planejamento que resultou desses projetos. Houve uma movimentação muito intensa, os projetos foram elaborados, tivemos a oportunidade de avaliar. Aumentamos o valor das bolsas da UFC para R\$ 300,00 e aumentamos em 100 o número de bolsas, e vamos ampliar ano a ano. A UFC também criou seu programa PET e é a instituição de ensino superior com o maior número de bolsas PET. Paralelamente a isso, ainda no fim do ano passado, o reitor fez gestões junto ao MEC e conseguiu recursos extra-orçamentários da ordem de R\$ 1,7 milhão que serão investidos integralmente na aquisição de livros.

*UP – Como se dará esse investimento?*

JF – Esse vai ser o maior investimento já feito na UFC em relação a aquisição de livros. A gente calcula que será possível comprar mais de 20 mil livros com esses recursos. Naturalmente, uma parte desses recursos, cerca de R\$ 500 mil, será destinada à pós-graduação. Serão livros de referência, mas que também causarão efeitos na graduação já que também serão utilizados pelos alunos de graduação. Esse também é um investimento importante para a graduação. Além daquelas coisas menores, mas que incomodam muito, como pequenas reformas, climatização de salas de aula, melhorias no restaurante universitário, a melhoria na mobilidade no Campus do Pici, com a colocação de ônibus. Estamos numa interlocução muito forte com o DCE, através da nossa Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis, para que se consiga avançar juntos no atendimento das demandas dos estudantes.

*UP – Qual a importância do programa Reuni dentro desse contexto de investimentos que vem sendo feito pela Universidade?*

JF – O programa Reuni vai trazer investimentos importantes para a Universidade e nós teremos a oportunidade de contratar 260 novos professores, cerca de 150 servidores, com o objetivo maior de avançar na expansão da nossa graduação mas atendendo àqueles critérios que consideramos importantes.

*UP – Já está definido o cronograma para a realização desses concursos?*

JF – Poucos dias antes da morte do Ícaro, nós havíamos tido uma conversa em que tomamos uma importante decisão de gestão. A Universidade Federal do Ceará tem hoje a autorização do MEC para a realização de concurso para 55 vagas de professores efetivos. Desse total, 30 são para as unidades do Interior, 15 para o Cariri e 15 para Sobral. Esses concursos já estão em fase de elaboração. As outras 25 vagas deveriam estar sendo contempladas por concurso aqui em Fortaleza. Mas numa avaliação nossa, fazer o concurso para 25 vagas hoje não resolve o problema e iria criar um desconforto muito grande na Instituição. Fizemos um levantamento de todas as vagas que a Universidade tem e, juntando com essas 25, poderemos chegar ao número de 100 vagas. E aí, nós estaríamos falando na realização de um concurso para 100 professores aqui em Fortaleza. Nosso desejo é, em maio, discutir com os coordenadores das unidades aqui de Fortaleza e lançar esse edital ainda no mês de maio, para a realização do concurso em junho.

*UP – Como o senhor classificaria o diálogo entre a reitoria e os diferentes setores da Universidade?*

JF – As portas da reitoria estão sempre abertas à comunidade. Temos tido um bom relacionamento com a Adufc, Sintufce e DCE. Entendemos que cada um no seu papel, temos um objetivo comum, que é a busca da excelência da nossa Instituição. Cada um tem a sua atuação crítica e política, que a gente tem que respeitar, porque é assim que as coisas devem funcionar numa universidade pública. O Prof. Ícaro honrou esse compromisso e nós vamos honrar. 

# Semeando professores

Uma iniciativa inédita do MEC vai aproximar a pós-graduação dos cursos de graduação. Cerca de 9.860 bolsas da Capes que serão criadas até o final de 2012 terão como objetivo a melhoria do ensino na graduação e preparação dos bolsistas para a docência

Até 2011, a Universidade Federal do Ceará vai receber 550 novas bolsas de pesquisa para alunos de programas de pós-graduação. O número representa cerca de 40% das bolsas de pós-graduação existentes hoje na instituição. Somente neste ano, 70 mestrandos e 50 doutorandos receberão o benefício, que será concedido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). A iniciativa é parte do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), do Ministério da Educação (MEC).

Diferentes das bolsas de demanda social, estas têm uma estreita ligação com a graduação. O objetivo delas é, por um lado, ajudar no processo de formação de estudantes de mestrado e doutorado que tenham interesse na docência. Por outro, os bolsistas prestarão serviços à graduação para apoiar na qualificação dos alunos. Daí o nome Bolsa Reuni de Assistência ao Ensino.

“Este é o maior programa brasileiro de integração entre a graduação e a pós”, avalia o Prof. Custódio Almeida, Pró-Reitor de Graduação da UFC. Para ele, além de ser um programa de apoio à graduação, é também uma forma de expandir a pós-graduação, uma vez que, para absorver as 550 bolsas previstas para a UFC, os programas da federal cearense terão que crescer em cerca de 30%.

Por enquanto, o previsto para aportar na UFC são 350 bolsas para alunos de doutorado e 200 para os de mestrado. Já em âmbito nacional, a previsão é que sejam criadas aproximadamente 9.860

bolsas para programas de pós-graduação até o final de 2012. Entretanto, a expectativa do Prof. Gil de Aquino, Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-graduação da UFC, é que, na medida em que for constatado o sucesso do programa, o MEC crie novas iniciativas desse tipo.

Semelhante ao repasse dos demais re-



**Custódio Almeida: maior programa brasileiro de integração entre graduação e pós-graduação**

curso do Reuni, as bolsas serão distribuídas ao longo dos próximos quatro anos, conforme o desempenho das instituições. Segundo Aquino, cada universidade possui o seu plano de aplicação e uma determinada quantidade de bolsas solicitadas. Na UFC, o plano de aplicação ainda está sendo discutido, embora as bolsas de 2008 já estejam em processo de implementação.

De acordo com Custódio Almeida, as bolsas irão beneficiar toda a pós-graduação, mas como a primeira remessa chegou antes do esperado, a Universidade precisou utilizar dois critérios principais para fazer a distribuição imediata. O primeiro deles levou em conta quais programas po-

deriam dar maior retorno à graduação. Por este quesito, os programas de pós-graduação em Matemática, Química Orgânica e Inorgânica, Física e Educação receberam o maior número de bolsas, pois seriam os que têm maior demanda entre os cursos de graduação.

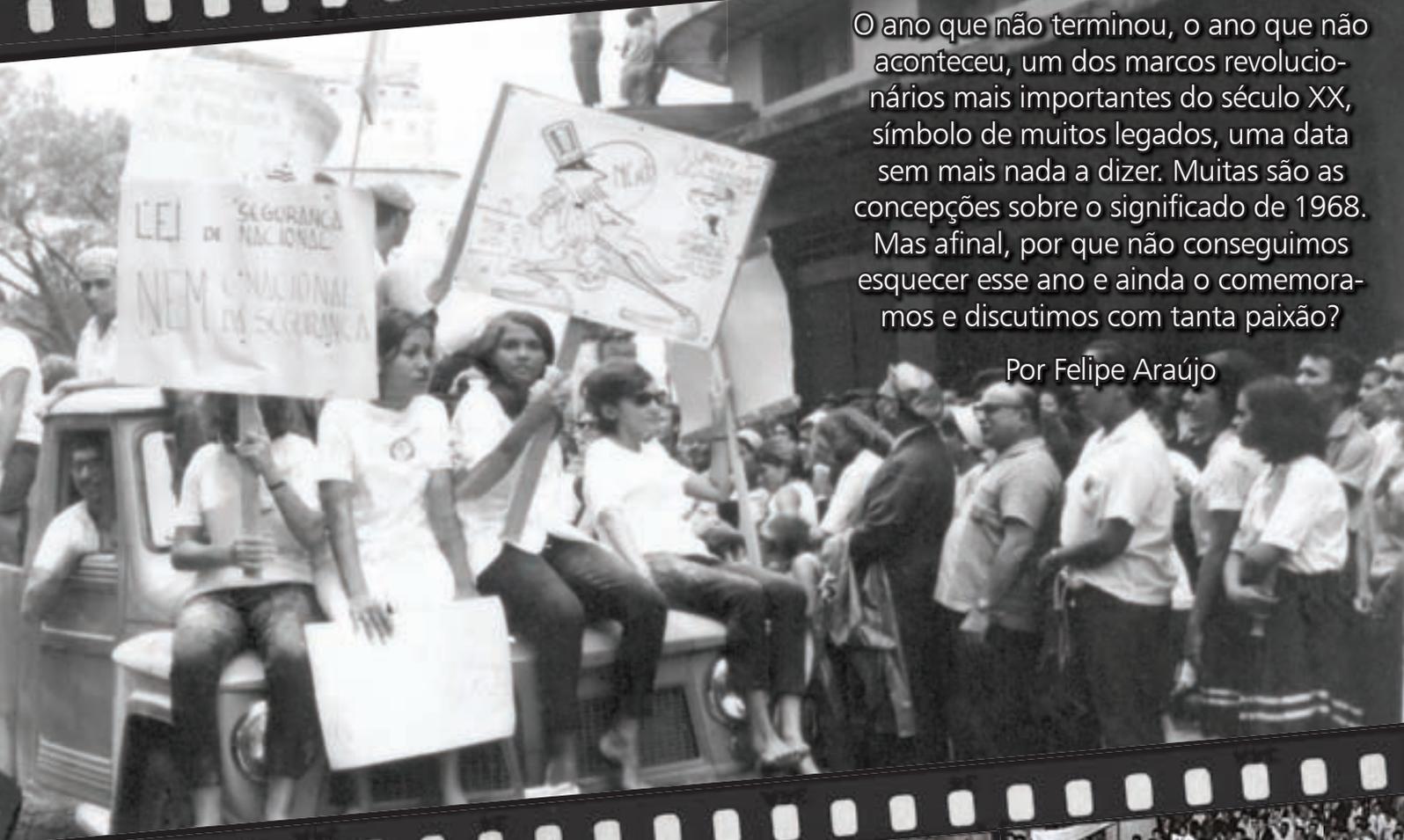
Outro critério utilizado foi a qualidade dos programas. Segundo Almeida, é uma exigência da Capes que os alunos mantenham um bom nível de desempenho para não perder a bolsa. Além das notas em trabalhos da própria pós-graduação, o desempenho do bolsista será avaliado de acordo com a atuação na graduação.

A Prof<sup>a</sup> Inês Mamede, integrante do comitê que está elaborando o plano de aplicação do programa, diz que uma das exigências é a dedicação de cada bolsista, de 12 horas semanais, para as atividades na graduação, tais como acompanhamento em sala de aula, atendimentos virtuais e presenciais de estudantes, orientação a grupos de estudo e participação em projetos dos cursos.

Conforme explicou, num primeiro momento, os bolsistas irão fazer um retrato da graduação, no qual serão identificados problemas, principalmente de metodologia de ensino e aprendizagem. A partir daí, eles ajudarão na elaboração de estratégias para melhorar e desenvolver práticas pedagógicas para a educação superior. “A expectativa é que a aproximação maior com a pós-graduação seja um caminho frutífero para a melhoria da graduação”, destaca a professora. <sup>UF</sup>

# 1968

quarenta  
anos depois



© ano que não terminou, o ano que não aconteceu, um dos marcos revolucionários mais importantes do século XX, símbolo de muitos legados, uma data sem mais nada a dizer. Muitas são as concepções sobre o significado de 1968. Mas afinal, por que não conseguimos esquecer esse ano e ainda o comemoramos e discutimos com tanta paixão?

Por Felipe Araújo



Alguns analistas podem até não colocar o ano de 1968 no pedestal de momento mais importante do século XX, o mesmo século que comportou uma revolução comunista, duas guerras mundiais, a quebra e o redesenho da economia em escala global, entre outros eventos que mudaram de maneira crucial a história da humanidade. Em artigo recente para o jornal *O Estado de São Paulo*, o jornalista Daniel Piza, por exemplo, assevera que 1968 tem muito pouco a dizer aos dias de hoje, culpa, segundo ele, da “ingenuidade” de certos slogans e do desaparecimento do que ele chama de discurso “engajado”. Mais importante, para o colunista do jornal, seria o ano de 1922, que começou a sedimentar o processo de inconformismo cultural e de liberação comportamental do qual 1968 seria apenas uma etapa.

Sem entrar no mérito da pertinência da análise de Piza, o fato é que, apesar de não ser unanimidade em relação ao seu caráter de marco revolucionário mais importante dos últimos cem anos, 1968 é, de longe, o ano mais cultuado do último século. “Parece que foi planejado para servir como espécie de ponto de referência histórico”, afirmou o historiador Eric Hobsbawm em entrevista recente a uma tevê por assinatura brasileira. Nenhuma outra data foi tão lembrada, discutida, revisitada e, como nos lembra Zuenir Ventura em seu novo livro *1968 - o que fizemos de nós* (editora Planeta) teve tanta disposição de permanecer como referência, seja por afinidade ou por contraste. “Ao se comportar como se fosse um ser animado, suspeita-se que 1968 não foi um ano, mas um personagem – inesquecível e que teima em não sair de cena”, escreve o jornalista, que há duas décadas já havia lançado o *best seller* *1968 – o ano que não terminou*.

Diante de uma programação de eventos que, dentro da própria UFC, vai discutir e, na medida do possível, celebrar, através de mostras de cinema, teatro, fotografia e música, o legado de 1968, *Universidade Pública* procurou teóricos e pesquisadores de diferentes áreas para levantar a discussão sobre o que essa data tem a nos dizer hoje. Pelo que se viu nas entrevistas, quatro décadas depois, ao

contrário do que preconiza Daniel Piza, 1968 tem muito a falar e lembrar. Tanto que continua gerando lançamentos no mercado editorial, servindo de tema para documentários, pautando os cadernos especiais de toda a chamada grande imprensa e movimentando eventos e debates políticos pelo País.

“Há basicamente duas visões sobre 68, o ‘ano que não aconteceu’, porque não aconteceu a revolução socialista, ou o ano ‘que não terminou’. A contradição em celebrá-lo é que faz toda sua aura: nada aconteceu e, no entanto, é uma referência histórica. Ou seja, aconteceu algo de extraordinário, diferente de qualquer grande acontecimento político, único”, comenta, em entrevista por e-mail, a Prof<sup>a</sup> Olgária Matos, do Departamento de Filosofia da USP. “Foi uma luta não pelo poder, mas contra ele. Não se pretendeu tomar o Palácio de Inverno, como na Revolução Russa; nem o quartel de Moncada, como na Revolução Cubana, mas o teatro Odéon, em Paris. As barricadas não foram dispositivos de guerra, mas lúdicas”.

Em termos históricos, 1968 só pôde acontecer em função do quadro geopolítico que se seguiu à Segunda Guerra. Apesar de ainda lutar contra o trauma da guerra, entre 1945 e 1968, a economia mundial atravessou um período de ampla internacionalização de seus processos – definido pelo historiador Eric Hobsbawm como “anos dourados”. “Numa era de conforto e tecnologia nos países desenvolvidos, aconteceu uma crítica por parte dos mais jovens de que as velhas instituições (família, Estado, universidade, etc.) tinham de ser mais democráticas em relação às novas demandas, que o futuro tinha de ser diferenciado, que era possível se atingir um grau de desenvolvimento da humanidade jamais alcançado”, explica o historiador Edmilson Maia, autor do livro *Memórias de lutas, ritos políticos do movimento estudantil universitário*, que será lançado dentro das atividades de comemoração dos 40 anos de maio de 68 na UFC.

Nos países de terceiro mundo, esses “anos dourados” foram marcados pela tentativa de afirmação da soberania nacional e de uma maior participação nos lucros

desse *boom* capitalista. No caso específico do Brasil, o nacional-trabalhismo emergia como o discurso que tentava agregar em torno de si as forças progressistas do País, mas acabou sendo derrotado, em 1964, pela aliança entre forças militares anti-comunistas, conservadoras e liberalizantes. Se o desejo global de liberdade e de contestação que alimentou o espírito de 1968 era compartilhado pelos jovens brasileiros, a ditadura militar nos separava do restante das manifestações que eclodiam, sob diferentes motivações, em outros locais do mundo.

“A grande especificidade de 68 no Brasil é a presença da ditadura. Isto significando duas conseqüências históricas aparentemente opostas, mas que se combinaram no movimento estudantil brasileiro de 1968. Primeiramente, as grandes bandeiras do nacional-trabalhismo dos anos de 1945 a 1964, representadas nas reformas de base de João Goulart, encontram seus últimos defensores no movimento estudantil de 1966-1968, como na luta por mais vagas para o acesso à universidade e contra os Acordos MEC-USAID de intervenção estrangeira no ensino brasileiro”, lembra Edmilson Maia. “Segundo, que a derrota, em 1964, e a instalação de uma ordem autoritária, bem como a influência da revolução cubana e outros movimentos revolucionários no planeta, fizeram uma radicalização da luta juvenil no Brasil”.

O fracasso dessa “radicalização” em seu embate armado com a ditadura, na opinião do historiador, foi fundamental para definir o espólio de 68 na história brasileira. O País viveu uma modernização conservadora encabeçada pelo regime militar que fez com que as bandeiras pré-1964 ficassem esvaziadas. Os avanços comportamentais, no entanto, puderam ser vividos sem maiores traumas de consciência e riscos já no final dos anos 70 e, principalmente, anos 80. Atualmente, aponta Maia, o desafio é aliar os ganhos comportamentais e a ampliação das lutas políticas ao controle efetivo da produção e distribuição de riqueza – “algo que 1968 esteve longe de fazer”, destaca.

“Vivemos uma retomada das antigas bandeiras com adaptação para um novo

## Um ano em transe (cronologia) - *Fatos que marcaram 1968*

**16 de janeiro** – Estréia da peça *Roda Viva*, de Chico Buarque, sob direção de Zé Celso Martinez Corrêa.

**30 de janeiro** – Invasão de 34 capitais de províncias vietnamitas pelo exército vietcong.

**2 de fevereiro** – A cidade de Bonn, na Alemanha, é palco para revoltas estudantis, com ocupação de universidades.

**8 de fevereiro** – Protesto contra a censura leva estudantes poloneses às ruas. A Universidade de Varsóvia é fechada.

**22 de fevereiro** – A Universidade de Nanterre, na França, é invadida por estudantes sob o comando de Daniel Cohn Bendit.

**28 de fevereiro** – Na África do Sul, um conjunto de medidas governamentais encaminha o país ao apartheid. No Brasil, o estudante Edson Luiz de Lima Souto é morto depois de confronto entre estudantes e policiais durante invasão do restaurante universitário Calabouço, no Rio de Janeiro. A morte do estudante gera uma onda de protestos em todo o País.

**1º de abril** – Invasão da Universidade de Brasília por estudantes. Também em abril, uma greve de operários saíria vitoriosa em Contagem (MG).

**4 de abril** – Martin Luther King é assassinado nos EUA, o que dá início a uma cascata de conflitos raciais em cerca de 125 cidades norte-americanas.

**5 de abril** – A Tchecoslováquia lança um pacote de reformas políticas, conhecido como Primavera de Praga.

**23 de abril** – A Universidade de Columbia, em Nova York, é invadida por estudantes que protestavam contra a vinculação da Instituição ao exército norte-americano.

**28 de abril** – 60 mil manifestantes se reúnem no Central Park, em Nova York, para protestar contra a Guerra do Vietnã. Dois dias depois, o controverso musical Hair fazia sua estréia nos palcos da Broadway.

**6 de maio** – 945 feridos e 422 presos. É o saldo das primeiras barricadas levantadas no Quartier Latin, em Paris, depois do fechamento das universidades da cidade.

**10 de maio** – “É proibido proibir”, dizem as pichações que tomam conta dos muros de Paris. Era a senha para a chamada “noite das barricadas”, quando estudantes ergueram barricadas de até três metros no Quartier Latin.

**13 de maio** – É decretada greve geral na França, da qual participam cerca de 100 mil trabalhadores e estudantes franceses. Dois dias depois, três milhões de britânicos também entram em greve no Reino Unido.

**18 de maio** – Em apoio aos estudantes, os cineastas Louis Malle, François Truffaut, Alain Resnais e Roman Polanski retiram seus filmes da disputa principal no Festival de Cannes.

**20 de maio** – A onda de greves na França leva cerca de 6 milhões de manifestantes a ocuparem centenas de fábricas pelo país. Mais alguns dias e a situação levaria o primeiro-ministro George Pompidou a iniciar as negociações com as centrais sindicais.

**30 de maio** – O presidente Charles De Gaulle dissolve a Assembléia Nacional e convoca eleições gerais. Um milhão de franceses vai às ruas manifestar apoio ao governo.

**4 de junho** – Na Iugoslávia, 20 mil estudantes ameaçam ocupar as universidades do país.

**5 de junho** – O senador e candidato à presidência, Robert Kennedy, é assassinado nos Estados Unidos.

**7 de junho** – Três mil estudantes italianos invadem a sede do jornal *Corriere della Serra*, em Roma.

**13 de junho** – Choque entre estudantes e operários com a polícia leva o governo do Uruguai a decretar estado de sítio.

**16 de junho** – A Sorbonne é desocupada pela polícia francesa.

**23 de junho** – As eleições legislativas na França dão ampla vitória aos partidários de De Gaulle.

**26 de junho** – Estudantes, intelectuais, artistas e padres realizam no Rio de Janeiro a Passeata dos Cem Mil.

**18 de julho** – Ação atribuída ao Comando de Caça aos Comunistas (CCC) resulta na agressão do elenco da peça *Roda Viva*, no teatro Ruth Escobar, em São Paulo. Um dia antes, o Conselho de Segurança Nacional proibira manifestações de rua.

**30 de julho** – A Cidade do México registra confronto entre 300 mil estudantes e policiais.

**12 de agosto** – Lançamento do disco *Tropicália* ou *Panis et Circensis*, que reunia Caetano Veloso, Gilberto Gil, Torquato Neto, Tom Zé, Rogério Duprat e outros.

**18 de setembro** – Protestos na Universidade do México terminam com um saldo de 18 mortos.

**2 de outubro** – Estudantes da Universidade Mackenzie e da Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras da USP entram em confronto.

**12 de outubro** – Operação da polícia em Ibiúna, no local onde era realizado o 30º Congresso da UNE, resulta na prisão de cerca de 1.200 estudantes.

**21 de novembro** – O presidente Costa e Silva aprova lei da censura a obras de teatro e cinema.

**5 de dezembro** – Greve na Itália reúne um milhão de trabalhadores.

**13 de dezembro** – Entra em vigor o Ato Institucional nº 5 (AI-5), que acaba com as liberdades democráticas no Brasil. O Congresso é fechado e começam os “anos de chumbo”.

### Serviço:

Participe do Festival UFC de Cultura “Ecos de 68”, de 26 a 30 de maio na UFC. Mais informações: [www.festivalufcdcultura.ufc.br](http://www.festivalufcdcultura.ufc.br)





### O surgimento de movimentos emancipatórios com idéias de liberdade e igualdade é apontado como principal legado de 1968

contexto em que as possibilidades do Estado e do desenvolvimento econômico e social são totalmente diferentes do período 1945-1970. Mas aqueles antigos sonhos de mais distribuição de renda e justiça social não podem ser abandonados”, defende.

Para a Prof<sup>a</sup> Celecina de Maria Veras Sales, doutora em Educação pela UFC e membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero, Idade e Família (Negif), 1968 é um acontecimento histórico que marcou uma época e que não diz respeito apenas à geração dos anos 60, mas a todas as gerações posteriores. Em seu caráter utópico e radical, a data problematizou questões que estavam silenciadas e desafiou regimes de verdade que atribuem significações ao corpo e ao sexo, que definem papéis sociais, que forjam identidades, que instituem valores na vida em sociedade. Celecina lembra que o legado de 68 se faz presente no surgimento de movimentos emancipatórios que difundem idéias de liberdade, de igualdade de direitos entre mulheres e homens, entre homossexuais e heterossexuais, entre negros e brancos.

“Maio de 68 foi um vetor de mudança, seu potencial criador deixou principalmente a herança da abertura para novas idéias, novas sensibilidades no campo político e cultural. Ao lembrarmos Maio

de 68, de certa forma alimentamos e/ou trazemos de volta o desejo de mudança”, defende. “1968 refundou o laço entre política e felicidade. Em suma, o paradoxal de um ano onde tudo aconteceu e em que nada mudou é que tudo está começando, e tudo o que a filosofia política e a política em geral discutem hoje vem de lá”, reforça a professora Olgária Matos.

Segundo Edmilson Maia, a disputa pela memória de 68 se debate entre a tentativa de definir o período como um conjunto de lutas anarquistas e inconseqüentes de jovens imaturos, que se venderam no futuro e cujos esforços nos fazem viver um presente moderno, livre e ideal; e o entendimento de que aquele foi um momento de questionamento das estruturas vigentes, com a emergência de novos sujeitos e demandas a serem no presente 2008 radicalizados na busca de uma sociedade mais justa. “Fico com a segunda opção”, avisa. “O presente não é tão moderno assim como pensamos, sendo que muitas das conquistas de 68 são toleradas por estarem neutralizadas nas estratégias de mercado ou no individualismo/hedonismo paralisante”.

Em entrevista a Zuenir Ventura para um dos capítulos que formam seu novo livro, o Deputado Federal Fernando Gabeira (PV-RJ) afirma que 68 terminou

várias vezes porque havia uma expectativa de mudanças muito grande e que foi frustrada em diversos momentos; havia um mecanismo de fantasia que era maior do que aquilo que as possibilidades alcançaram. Olhando para 2008, no entanto, Gabeira defende a Internet como espaço para a emergência de elementos de crítica e de transformação tão grandes quanto os de 1968. “A capacidade de se comunicar com o mundo inteiro, os movimentos que surgem daí, as iniciativas, a combinação criativa, o trabalho científico em conjunto, o potencial que foi criado – tudo isso é muito grande. É a continuidade de 68 no que ele negava a disciplina capitalista, tanto quanto a socialista”, afirma.

Leitura parecida tem Celecina Veras Sales, autora de estudos e pesquisas sobre a relação entre jovens e política. A professora critica o fato de a imprensa ora exagerar ao tratar a juventude dos anos 60 de forma homogênea, revolucionária em sua totalidade; ora tentar estabelecer comparações entre ontem e hoje sem considerar que a juventude dispõe de outros meios de comunicação e outras formas e estratégias de protesto.

“De uma certa forma percebo um romantismo, uma nostalgia em relação aos jovens dos anos 60 e, às vezes, uma desqualificação da juventude atual”, afirma. “Hoje tudo é muito mais rápido, os ícones e símbolos da juventude têm sua dinâmica, são bem mais passageiros. O próprio sentido de revolução é ressignificado. Mesmo assim, acredito que ficaram idéias, que ficou a vontade de liberdade, autonomia, a busca do novo”.

Para Celecina, a arte ainda continua sendo um importante canal de transformação e as expressões culturais, uma forma criativa de fazer política. “Isso pode ser percebido nos movimentos organizados, como por exemplo, o hip hop, os grupos de rock, os jovens do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra. Também os movimentos feministas, GLTB, movimento negro, continuam sua luta por direitos. Alguns slogans permanecem vivos como ‘é proibido proibir’, apesar de todas as conquistas com relação à liberdade”, defende. 

# Uma forcinha para a natureza

Ações de extensão realizadas pelo Núcleo de Ensino e Estudos em Forragicultura (NEEF) têm aproximado produtores rurais do Ceará das tecnologias desenvolvidas na UFC. Uma dessas ações é o Dia de Campo



O desenvolvimento de alternativas de forragem é o principal trabalho do Núcleo

O sertanejo cearense que depende da água da chuva para o cultivo de produtos e a alimentação do gado, pode contar, em média, com a ajuda da natureza por apenas quatro meses do ano. Nesse período, a pastagem consegue fornecer ao gado alimentação farta e de boa qualidade. Nos outros oito meses de estiagem, ou o produtor dispõe de técnicas para armazenar alimentos para os animais, ou perde todo o rebanho.

Para ajudar a esses criadores é que o Núcleo de Ensino e Estudos em Forragicultura (NEEF), da UFC, tem trabalhado no desenvolvimento de alternativas de alimentação de ruminantes, conhecida como forragem. Os estudos buscam criar tecnologias que possam ser aplicadas tanto por criadores de grande porte quanto por pequenos produtores. De um modo geral, as técnicas desenvolvidas procuram garantir o armazenamento de forragem em épocas de seca, mantendo a qualidade da alimentação do animal. A pesquisa procura utilizar produtos de grande potencial de oferta na região, o que garante um custo menor para o produtor.

Fundado em 1997, com o nome de Núcleo de Pesquisa em Forragicultura, o NEEF tinha como objetivo dar suporte a pesquisas sobre forragicultura e a aulas práticas de manejo de pastagens, conservação de forragens, manejo reprodutivo, entre outras áreas. A partir de 2006, o grupo ganhou a atual nomenclatura, constituindo-se como programa de extensão vinculado ao Departamento de Zootecnia da UFC. Até o ano passado, as aulas práticas oferecidas pelo NEEF haviam beneficiado cerca de 2.200 alunos.

Apesar de configurar-se como um programa de extensão de natureza prática, a produção acadêmica gerada por participantes do NEEF tem sido bastante representativa. Em pouco mais de dez anos de existência, o grupo já conta com 14 monografias, 12 dissertações de mestrado e duas teses de doutorado, além de artigos e resumos expandidos publicados em periódicos. Nos anos de 2005 e 2007, pesquisas voltadas para a avaliação de pastagens cultivadas intensivamente geraram duas dissertações premiadas pela Sociedade Brasileira de Zootecnia.

Recentemente, o projeto de pesquisa mais significativo do grupo tem estudado a elaboração de técnicas para a utilização de co-produtos da cadeia produtiva do biodiesel da mamona na alimentação animal. Com o aumento do uso da mamona no processamento do biodiesel, explica o Prof. Magno Cândido, coordenador do NEEF, os co-produtos ficam sem utilidade na propriedade do produtor. A idéia é aproveitar essas sobras na produção de alimentos como, por exemplo, o farelo de mamona e a torta feita a partir da planta. “Atualmente, o farelo é utilizado como adubo. Estamos pesquisando para ser utilizado também como forragem”, diz o professor.

Outra linha de pesquisa trabalhada no grupo é a inclusão de subprodutos da agroindústria, como o caju e o abacaxi, em dietas para ruminantes, especialmente para a produção de silagem chapéu-capim. Para o consultor em agronegócio José Edilton Lousado Júnior, mestrando em Nutrição de Ruminantes pela UFC, uma das atuações mais importantes dos NEEF é exatamente na realização de pesquisas temáticas voltadas para as necessidades dos setores de produção.

### **Aprender fazendo**

A produção do grupo, entretanto, não fica apenas nos registros acadêmicos. O NEEF se propõe também a ser um ambiente de discussão, onde são oferecidas oportunidades de aprendizagem com base no “aprender-fazendo”. “O mais interessante é poder levar a sala de aula para a prática”, ressalta Rebeca Magda, estudan-

te do curso de Zootecnia da UFC e integrante do NEEF.

Segundo ela, a carga horária de disciplinas práticas do curso de Zootecnia não é suficiente e participar do programa é uma oportunidade de pôr em prática a teoria estudada. “Poucas pessoas têm o privilégio de estar no Núcleo”, destaca a aluna. A quantidade reduzida de bolsistas e funcionários para atuar nas ações do NEEF é, de fato, uma das maiores dificuldades do grupo.

Entre 1997 e 2007, o programa contou com apenas um bolsista de extensão, um de trabalho, nove de iniciação científica e oito do Programa de Educação Tutorial (PET) da Agronomia para ajudar nas atividades executadas. Durante o período, outros 24 estudantes participaram do projeto de forma voluntária, ajudando, inclusive, no trato dos animais.

### **Para além da Universidade**

Como programa de extensão, o NEEF articula e desenvolve ações que beneficiam não só aos estudantes da área, mas também a produtores rurais, pecuaristas, técnicos e empresários do agronegócio. Entre as ações, está a aplicação de tecnologias de alimentação dos rebanhos apropriadas à realidade dos pequenos produtores. Para que elas cheguem até o seu público-alvo, são realizadas atividades práticas como dias de campo e ensaios de demonstração de resultados. Dessa forma, o produtor rural é aproximado das tecnologias desenvolvidas na UFC. “O que o homem do campo precisava tinha no Núcleo, mas estava, até então, distante”, destaca o mestrando José Edilton Júnior.

Em março, o NEEF realizou o seu terceiro dia de campo, o primeiro sobre “Reserva de forragem para a seca: produção e utilização de feno”. Durante uma manhã, professores e alunos integrantes do programa divulgaram informações e práticas sobre a técnica da fenação, que consiste na conservação da forragem por meio de desidratação, sem que ela perca valor nutritivo. Setenta e cinco participantes, entre estudantes e técnicos, tiveram a oportunidade de acompanhar todas as etapas da produção do feno e avaliar os



### **Dias de campo oferecem informações a produtores rurais e técnicos**

principais custos de produção de cada etapa do processo.

Os dias de campos são realizados nas unidades demonstrativas do Centro de Ciências Agrárias, onde são desenvolvidos os estudos do NEEF. Em um dia de ação desse tipo, o participante tem acesso a todas as etapas de uma determinada técnica de produção e conservação de forragem. Produtores e técnicos que participam da atividade levam o aprendizado para ser aplicado nas suas respectivas propriedades.

“A gente sentia a necessidade de oferecer aos clientes a oportunidade de ter contato com a tecnologia de ponta”, relata Edilton Júnior. Segundo ele, essa aproximação entre produtor e universidade já tem surtido efeito. “A grande maioria dos produtores, se ainda não está aplicando [a técnica], tem consciência de que deve aplicar em breve”, conta o consultor.

Outra ação realizada pelo NEEF é o oferecimento de cursos para técnicos de nível médio e superior que atuam na área da forragicultura e alimentação de ruminantes. Como parte do projeto de difusão tecnológica “Fenação – Tecnologia para o sustento dos criadores familiares do semi-árido durante a seca”, financiado pelo Fundo de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Fundeci), do Banco do Nordeste, o NEEF vai agora levar esses cursos também para o Interior do Ceará. Inicialmente, o núcleo levará unidades demonstrativas da UFC a seis municípios (Pentecoste, Sobral, Limoeiro do Norte, Quixadá, Tauá e Juazeiro do Norte). “A idéia é abranger todo o Estado”, informa Magno Cândido. 

# A UFC sertaneja

Expansão da Universidade Federal do Ceará com implantação de campi no Cariri, Quixadá e Sobral já modifica cenários locais, promovendo inclusão social e abrindo caminho para o desenvolvimento



Sobral, na região norte do Estado, quer se constituir em cidade universitária

Ao Norte, uma cidade mais conhecida pelo clima quente e seco do que pelo patrimônio histórico e cultural tombado. Ao Sul, uma cadeia de municípios sob imponente chapada, onde o solo fértil e as temperaturas mais amenas favorecem até o plantio de uva e flores para exportação. No Sertão Central, os monólitos, também tombados, “rasgam” a monotonia da paisagem árida. De Sobral ao Cariri passando por Quixadá, a UFC foi se juntar às belezas – naturais ou construídas – e às intempéries do Interior do Estado, oferecendo sua parcela de contribuição para realçar aquelas e combater estas.

A expansão da universidade começou há sete anos. Desde 2001, com a criação dos cursos de Medicina de Sobral e Barbalha, ao início das atividades do Campus de Quixadá, em 2007, a UFC foi se interiorizando e abrindo caminhos para ampliar o acesso da população ao Ensino Superior. E diferente de uma leva de faculdades surgidas nos últimos anos, a UFC se expandiu com o desafio de manter no Interior a qualidade do ensino de graduação dos campi de Fortaleza.

A possibilidade de formação de mão-de-obra qualificada disponível à própria

comunidade e de geração de conhecimento está relacionada à esperança de redução da pobreza e das desigualdades sociais e de melhor convívio com as agruras do semi-árido.

“Para Sobral e a Zona Norte, a UFC é uma possibilidade de construção de soluções para problemas históricos. Ainda temos 55% da população vivendo no nível de pobreza e miséria na região”, aponta o Vice-Prefeito Clodoveu Arruda. “A presença da UFC tem um papel importantíssimo para o desenvolvimento de qualquer região do Estado”, acrescenta o diretor do Campus de Sobral, Prof. João Arruda. “Na sua missão de disseminar um padrão de qualidade para o Ensino Superior no Estado, a UFC espera contribuir para o desenvolvimento econômico e social sustentável e incluyente, benefício a ser repartido entre toda a população”, reforça o Prof. Antonio Miranda, diretor do Campus do Cariri.

Nessa tentativa, o conhecimento é um aliado para aperfeiçoar ou até alterar o perfil de cidades e regiões. “Sobral não será a mesma depois da chegada da UFC, passando a se constituir como uma cidade universitária, de produção do saber”,

avalia João Arruda. Uma cidade onde o Sol aparece inclemente e como uma das suas principais referências, Sobral quer ser identificada por outros motivos. “Queremos trocar a rima Sol com sofrimento, Sol com lamento, por Sol com desenvolvimento, consolidando Sobral como cidade do conhecimento, onde possamos ter uma Universidade Federal da Zona Norte”, aposta Clodoveu Arruda.

Uma expectativa de mais curto prazo é para o Campus de Quixadá, onde está prevista a formação de um pólo de Tecnologia da Informação, elevando o Sertão Central ao status de referência regional nessa área. Na aridez da região vai brotar tecnologia, com a criação prevista de cinco cursos até 2012, entre eles Redes de Computadores, Jogos Digitais e Engenharia de Software. “A necessidade de mão-de-obra qualificada na área tem aumentado e o Ceará não tem conseguido gerar pessoal qualificado”, aponta Davi Romero, coordenador do único curso já criado – Sistemas de Informação.

Para outros campi, também cursos novos e diferentes dos que são costumeiramente ofertados no Estado. Entre 2011 e 2012, vão se juntar aos seis já instalados

no Cariri outros sete, como o de Produção Joalheira e Gestão Ambiental. Em Sobral, além dos seis existentes, mais cinco, no mínimo, devem ser criados até 2011, nas áreas de Engenharia e Saúde. “Queremos fortalecer essas áreas, que seriam uma vocação da região”, acrescenta João Arruda. Com a implantação dos novos cursos, deve pelo menos duplicar o número de estudantes atendidos nos três campi, que hoje é de 1.424 (650 em Sobral, 734 no Cariri e 40 em Quixadá).

O Campus de Sobral recebe alunos de toda a Zona Norte e muitos também da Capital, principalmente para os cursos de Medicina e Odontologia. Os alunos da UFC no Cariri são provenientes de 31 cidades do Ceará, cinco de Pernambuco e uma do Piauí. “Vale ressaltar que a concorrência no vestibular, para alguns cursos, tem superado os de Fortaleza, como vem ocorrendo com Medicina, Administração e, recentemente, Agronomia”, observa Antonio Miranda.

Os cursos são criados para atender demandas locais e complementar o que outras universidades públicas já oferecem. “Não queremos competir com os cursos que já existem nas regiões”, observa João Arruda. A prioridade é consolidar a graduação, mas o Campus de Sobral já tem um mestrado em Medicina, na área de Biotecnologia, cujas aulas começaram este semestre, além de outras pós-graduações pela UFC já em articulação ou andamento no município.

Um dos diferenciais dos campi do Interior em relação aos campi da Capital é a estrutura organizacional. Há uma coordenação integrada dos cursos e os professores são vinculados ao campus e não a departamentos, mesmo tendo suas áreas de atuação específicas. “Isso permite um diálogo permanente com todos os cursos e um trabalho interdisciplinar que não há em Fortaleza. Além disso, temos professores jovens, mas já com um alto nível de qualificação, a maioria mestres e preferencialmente doutores”, considera João Arruda.

A interação da UFC com as prefeituras e o Governo do Estado tem possibilitado a garantia de infra-estrutura física para o fun-

cionamento dos cursos enquanto a construção das instalações próprias dos campi estão em andamento. E a experiência de relação com a comunidade tem proporcionado melhores condições para a formação dos alunos e o retorno do conhecimento produzido para a população local.

### Mais egressos de escola pública

Uma pesquisa realizada no semestre passado junto aos estudantes dos cursos da UFC em Crato e Juazeiro do Norte, elaborada pelo vice-diretor do Campus do Cariri, Prof. Ricardo Ness, revela um perfil discente bem diferente do que se encontra em outras universidades públicas: 93,7% dos estudantes se enquadram nas classes B, C e D e 49,37% dizem ter estudado sempre em escola pública e apenas 27,85% somente em escola particular.

“Os números confirmam a importância de uma universidade pública, gratuita e que busca, com o ensino de qualidade, cumprir seu papel de promover a inclusão e promoção social no Cariri”, avalia Ricardo Ness. O resultado também atende as expectativas manifestadas pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita a Quixadá, em fevereiro deste ano, para o lançamento da pedra fundamental do campus na região.

O presidente apontou que a expansão das universidades federais para o Interior é a tentativa de diminuir a defasagem entre a demanda e a oferta de vagas em instituições públicas de Ensino Superior. Em geral, as universidades públicas são mais ocupadas por egressos de escolas particulares enquanto as faculdades privadas são ocupadas mais por estudantes oriundos da rede pública. Em toda a UFC, por exemplo, dos 4.037 aprovados no vestibular para 2008, apenas 624 vieram de escolas públicas, 15,45%.

O estudante Deginaldo Holanda, 23, veio de escola privada. Natural de Limoeiro do Norte, na região do Vale do Jaguaribe, ele já morou em Fortaleza, mas encontrou na expansão da UFC para o Cariri uma maior oportunidade de ingressar numa faculdade de Medicina. “Muitos universitários estudaram a vida toda na região e con-

seguiram entrar na universidade; outros, mesmo tendo estudado fora, voltaram para prestar vestibular e fazer o curso na região; e ainda há outros que não conheciam a região, chegaram e pretendem continuar”, diz Deginaldo, incluindo-se nesse terceiro grupo. Depois de concluir a graduação e fazer a especialização, ele pensa em continuar no Cariri, trabalhando.

No campus da UFC no Cariri já existem 12 grupos de pesquisa credenciados no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). “Recentemente foi aprovado projeto do CT-Infra que garantirá a implantação da infra-estrutura para a pesquisa”, comemora o diretor do campus, Antonio Miranda. Fundo setorial de ciência e tecnologia, o CT-Infra foi criado para viabilizar a modernização e a ampliação da infra-estrutura e dos serviços de apoio à pesquisa, por meio de criação e reforma de laboratórios e compra de equipamentos, por exemplo. 

### PELO INTERIOR

#### Cariri

**Cursos implantados:** Administração, Agronomia, Biblioteconomia, Engenharia Civil, Filosofia e Medicina. **Cursos a implantar:** Engenharia Agrícola e Ambiental, Agronegócio, Sistemas de Informação, Ciências da Computação, Engenharia Mecânica, Produção Joalheira e Gestão Ambiental.

#### Quixadá

**Curso implantado:** Sistemas de Informação. **Cursos a implantar:** Tecnologia em Redes de Computadores, Tecnologia em Jogos Digitais, Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Tecnologia da Informação e Engenharia de Software.

#### Sobral

**Cursos implantados:** Ciências Econômicas, Engenharia da Computação, Engenharia Elétrica, Medicina, Odontologia e Psicologia. **Cursos a implantar:** cinco cursos nas áreas de Engenharia e Saúde.



Capacitações nas escolas são realizadas pelo Grab a partir de método desenvolvido por Palhano

# Coisas difíceis de dizer

Assassinato do professor e pesquisador Luís Palhano levanta a discussão sobre homofobia e direitos humanos e chama a comunidade universitária a se engajar na luta por justiça

Por Ana Rita Fonteles



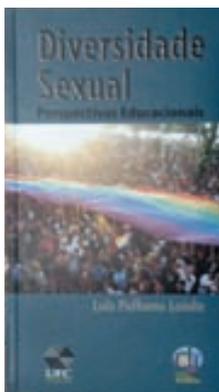
**Luís Palhano era intelectual de referência nacional na produção de conhecimentos sobre diversidade sexual e sua abordagem na escola**

“Todos os dias um homossexual é morto nas vielas, becos e estradas desse País. Nós não dizemos, nem fazemos nada. Agora é dentro da nossa casa. Não podemos mais ficar imobilizados”. O desabafo foi proferido pela Profª Adelaide Gonçalves do Departamento de História da UFC, durante ato realizado no último dia 8 de maio, no pátio interno da Faculdade de Educação da UFC. Estudantes, professores e servidores foram chamados para clamar por justiça e homenagearem um colega, morto de forma brutal. Luís Palhano Loiola, 40 anos, graduado, mestre e doutor em Educação pela UFC foi encontrado morto uma semana antes (01/05), em sua casa, no município de Crateús, com o corpo perfurado com 22 facadas, tendo uma delas atingido profundamente sua garganta.

O clamor e mobilização se justificam. Há um sério temor de que o crime contra Palhano fique impune. E dessa vez a morosidade da justiça brasileira não é a única preocupação, mas o fato de que o assassi-

nato guarda características de um crime homofóbico. “Nesses crimes, o assassino, ou assassinos, matam a pessoa não só para eliminar o corpo, mas o que ela representa. Sempre com requintes de crueldade, sempre com muito ódio como foi o caso do crime do Luís”, afirma o presidente do Grupo de Resistência Asa Branca (Grab), Francisco Pedrosa. “Ele era homossexual assumido, ativista do movimento gay, muito benquisto na cidade, com uma trajetória de ascensão social vitoriosa, pois era filho de agricultores que estudou a vida inteira em escola pública. Fez mestrado e doutorado trabalhando com a temática da diversidade sexual na escola. Além disso, era o único cidadão de Crateús com doutorado que atuava na cidade, já que a maioria que se forma abandona seu lugar de origem”, explicita.

Luís Palhano era também vice-diretor da Faculdade de Educação do campus avançado da Uece, em Crateús, presidente do grupo Karatiú, movimento homosse-



### Livro de Palhano, lançado em 2006

xual de sua cidade e autor do livro *Diversidade Sexual – Perspectivas Educacionais* (Edições UFC) – material referência para o Ministério da Educação no subsídio a profissionais ligados à educação para a fundamentação da prática de enfrentamento à homofobia no espaço escolar. Seu livro é utilizado,

hoje, no Ceará, em capacitações realizadas pelo Grab em escolas públicas de Fortaleza, Maracanaú e Crateús, dentro do Programa Brasil sem Homofobia, do Governo Federal.

“Seu trabalho tinha muita propriedade, pois ele era pessoa que transitava entre escola, ativismo e pesquisa. Luís tinha admiração pelo legado de Paulo Freire e defendia a discussão, tendo como base o diálogo. Sua pretensão atual era trabalhar com jovens do campo, em assentamentos. Era envolvido com a formação de professores do MST através do Pronera (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária). Estava em momento muito produtivo e voltado para Crateús”, relembra Alexandre Joca, mestrando em Educação pela UFC, facilitador dos cursos do Grab e amigo de Palhano há 12 anos.

As investigações sobre o assassinato seguem a passos lentos e, de acordo com testemunhas, com problemas nítidos de procedimento. “A polícia não isolou a casa. Quem o fez foi a família, o que se tentou justificar pela falta de peritos. As pessoas que encontraram o corpo só foram ouvidas na terça-feira, cinco dias depois do crime e porque houve pressão”, diz uma delas. Movimentos sociais têm se organizado para cobrar celeridade. A comunidade local compareceu em peso às cerimônias de funeral e ato político realizado após a missa de sétimo dia. Estima-se que 1.500 pessoas estiveram no protesto. Uma comitiva, formada pelo Grab e representante da Secretaria Especial de Direitos Humanos da

Presidência da República (SEDH), foi até a cidade para conversar com o Ministério Público e a polícia. “Esse não é crime de Crateús, é nacional e pode ganhar repercussão internacional. Ele era um intelectual respeitado. Para você ter idéia, recebemos o comunicado de sua morte do Paraná. Não vai ser mais um na estatística”, promete o assessor da SEDH, Ivair Augusto dos Santos, que deve voltar à Crateús no final de maio. Um comitê formado por 10 entidades da sociedade civil em Crateús também foi formado para acompanhar o caso.

A polícia de Crateús deteve alguns suspeitos para a averiguação, mas estes já foram liberados. O delegado Abelardo Costa Lima, que acompanha o caso e ainda defende a hipótese de latrocínio, diz que está examinando o computador pessoal da vítima em busca de pistas, mas acaba deixando escapar uma opinião pessoal sobre o ocorrido. “Acho que esse crime vai ser difícil de solucionar. Ele se relacionava com muita gente”. Essa posição já tinha sido expressa, por ele, em alguns jornais locais como *Diário do Nordeste* (03/05) e acabou sendo repetida por matérias de agências e veículos do centro sul, onde a polícia é a única fonte ouvida. “Estivemos lá de quinta a domingo, a imprensa sabia, foi informada, mas nenhum de nós, nem a família, nem os amigos, fomos procurados para sermos ouvidos”, afirma Orlaneudo Lima, coordenador de Políticas Públicas de Diversidade Sexual da Prefeitura de Fortaleza.

O contato com apenas uma fonte reproduziu alguns erros que continuaram a ser repetidos em notícias seguidas. *O POVO* (02/05), afirma que o professor morava na companhia de uma irmã, mas que esta só chegava em casa à noite, “mas não havia ido para casa na última quarta-feira a pedido do próprio professor”. A informação foi repetida no dia seguinte pelo próprio jornal e também pelo *O Globo*. “Isso não tem cabimento. Ele morava só. A irmã dele morava na casa ao lado”, afirma o sobrinho do professor, Joelson Soares, que tomou conhecimento da informação durante a entrevista para essa reportagem. “Uma rádio local de bastante audiência na cidade estava especulando sobre o “alto” valor do salário do Luís, quando sabemos que o salário de

professor da Uece é um dos mais baixos do Brasil. Começaram a dar ênfase a boatos e tivemos de ir na rádio pedir que agissem com ética”, afirma Francisco Pedrosa, do Grab.

“O preconceito existe até na hora da morte. Estão tentando desconstruir a imagem de Luís. Querem passar que é mais um gay que foi morto como se tivesse procurado por isso. A cidade é muito hostil contra os homossexuais. Há violência verbal, física e as pessoas desconhecem seus direitos”, desabafa o vice-presidente do grupo Karatiú, de Crateús, Olavo Sá, um dos amigos de Palhano a encontrar seu corpo.

“Essa é a homofobia institucionalizada onde a vítima passa a ser culpada da própria morte”, afirma a advogada do Centro de Referência Janaína Dutra, Lourdes Vieira, sobre o comportamento da polícia e da imprensa. “Há tendência em descaracterizar a figura da vítima, levantar hábitos sexuais. A experiência mostra isso”, completa Ivair Santos, da SEDH. Segundo ele, só neste ano, 60 assassinatos homofóbicos foram registrados no País.

As mobilizações sociais obtiveram alguns resultados. Quando do fechamento desta matéria, dois investigadores da Secretaria de Segurança Pública haviam sido deslocados para Crateús para apoiar o trabalho da polícia local. “A peça que abre o inquérito, elaborada pelo Ministério Público também caracteriza o crime como homofóbico, o que é um avanço”, relata o presidente do Grab, Francisco Pedrosa. “Um pedido de celeridade nas investigações está contido em abaixo-assinado, organizado pelo Grab que pode ser assinado virtualmente em <http://www.abaixoassinado.org/webroot/abaixoassinados/672>.

As últimas reflexões acadêmicas de Luís Palhano, sobre o encontro entre professores e movimento homossexual através das capacitações, deverão ser publicadas em breve como uma forma de homenagem e prestação de contas de seu trabalho. Suas sementes no campo do ativismo também devem perdurar com a promessa de continuidade do trabalho realizado com a juventude de Crateús, homossexual ou não, como resume o ativista Olavo Sá: “É muita honra pra ficar esquecida”.

# EUREKA!

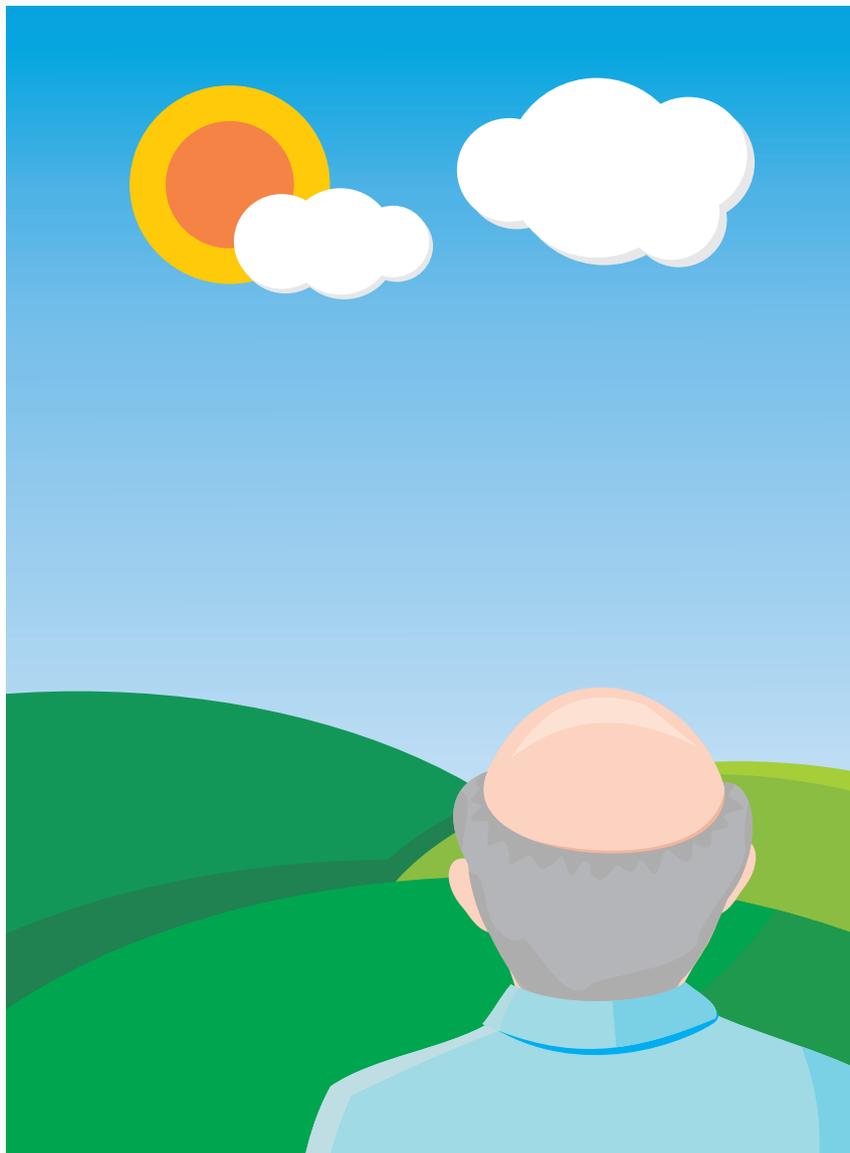
O CAMPUS EM QUADRINHOS

ROTEIRO  
RICARDO JORGE  
DESENHO  
FRED MACEDO  
CORES E LETRAS  
FELIPE LIMA

oficina.quadrinhos.ufc@gmail.com



Fred Macedo  
08



Ao professor Ícaro de Sousa Moreira, pelo legado de amor, dedicação à causa pública e fascínio pela profissão que abraçou e pela UFC, sua casa e paixão.

Prêmio  
**BNB** de  
**Jornalismo** em  
Desenvolvimento  
Regional  
**2008**



Ações Inovadoras • Democratização do Crédito • Geração de Negócios • Crescimento Econômico • Inclusão Social • Desenvolvimento Regional

Mais de  
**R\$ 120 mil em prêmios**

Coloque seu talento a serviço do  
desenvolvimento do Nordeste.  
Inscreva seu trabalho.

Inscrições e Regulamento:  
[www.bnb.gov.br](http://www.bnb.gov.br)

Cliente Consulta | Ouvidoria  
[clienteconsulta@bnb.gov.br](mailto:clienteconsulta@bnb.gov.br)  
0800 728 3030

**Banco do  
Nordeste**

